



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV

Tarciso Souza Oliveira

**LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL:PRÉ- REQUISITOS NO
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Jacobina
2013



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV

Tarciso Souza Oliveira

LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL: PRÉ-REQUISITOS NO ENSINO DE LINGUA PORTUGUESA

Monografia apresentada ao curso de Letras Vernáculas da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, como exigência parcial para Conclusão do curso de graduação em Licenciatura plena em Letras Vernáculas.

Orientadora: Girleide Ribeiro Santos

Jacobina
2013

Tarciso Souza Oliveira

**LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL: PRÉ- REQUISITOS NO
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a Girleide Ribeiro

Orientadora

Prof^a Márcia Regina Mendes

Professora Examinadora

Prof^a Graciélia Novaes

Professora Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico esta produção:

Aos meus pais, **Orlando de Jesus Oliveira** e **Maria da Conceição Souza Oliveira** que sempre me instruíram na vida estudantil. À minha esposa, **Gabriela Valois Coutinho Oliveira** que nos momentos difíceis foi minha fortaleza e meu refúgio. Em especial a minha filha **Alícia Valois Coutinho Oliveira** que é uma pequena amante da leitura e da escrita, a qual por muitas vezes deixei chorando ao partir para universidade.

AGRADECIMENTOS

O Deus todo poderoso, pela magnitude de guia minha vida;

A toda minha família, pela paciência, cooperação e total apoio.

À Universidade Estadual da Bahia pela acolhida.

Aos professores da Universidade Estadual da Bahia que contribuíram para a minha
formação acadêmica.

A minha orientadora, Girleide, pela dedicação, compreensão e paciência com que
conduziu esse trabalho.

.

.

UM LEITOR

*Que outros se jactem das páginas que escreveram; a mim me orgulham as que tenho lido.
Não fui um filólogo, não inquiri as declinações, os modos, a penosa mutação das letras, o de que
se endurece em te, a equivalência do qe e do ka, mas ao largo de meus anos professei a paixão da
linguagem.*

*Minhas noites estão cheias de Virgílio, ter sabido e ter esquecido o latim é uma possessão,
porque o esquecimento é uma das formas da memória, seu vago porão, a outra cara secreta da
moeda.*

*Quando em meus olhos se diluíram as vãs aparências amadas, os rostos e a página, dei-me ao
estudo da linguagem de ferro que usaram meus ancestrais para cantar solidões e espadas, e agora,
através de sete séculos, desde a Última Thule, tua voz me alcança, Snorri Sturluson.*

*O jovem, ante o livro, impõe-se uma disciplina exata e o faz em busca de um conhecimento
exato; a meus anos, toda empresa é uma aventura que linda com a noite.*

*Não acabarei de decifrar as antigas línguas do Norte, não fundirei as mãos ávidas no ouro de
Sigurd; a tarefa que me empreendo é ilimitada e há de acompanhar-me até o fim, não menos
misteriosa que o universo e que eu, o aprendiz.*

(Jorge Luis Borges, 1971, 61-62)

RESUMO

Leitura e produção textual: Pré-requisitos no Ensino de Língua Portuguesa é uma pesquisa que visa desenvolver reflexões teóricas acerca das propostas de leitura e escrita presentes no ensino de Português, para isso, analisaremos estas propostas no livro didático (Novo Dialogo), contaremos também com uma entrevista cedida por uma professora de língua portuguesa do colégio COMUJA desta cidade; o presente trabalho traz significativas reflexões teóricas a respeito da leitura e produção de texto que podem favorecer uma prática pedagógica mais eficaz.

Palavras-Chave: Leitura, produção textual, livro didático, professor.

ABSTRACT

Reading and text production: Prerequisites in Teaching Portuguese Language is a research aimed at developing theoretical reflections about the reading and writing proposals present in the teaching of Portuguese, for that, we analyze these proposals in the textbook (New Dialog), we will also with an interview courtesy of a professor of English college COMUJA this city, this work brings significant theoretical reflections about reading and text production that can promote more effective teaching practice.

Keywords: Reading, textual production, textbook, teacher

SUMÁRIO

Introdução.....	09
Capítulo I: A leitura e suas articulações	11
1.1 Leitura x mundo	11
1.2 A escola forma leitores	15
1.3 O livro didático e o ensino da leitura.....	18
1.4 Os gêneros textuais e o ensino de língua.....	23
Capítulo II: O livro didático: uma investigação necessária	26
Capítulo III: O professor e o ensino de língua	44
Considerações finais	58
Referências.....	60

INTRODUÇÃO

Em um mundo tão complexo precisamos recorrer a fontes diversas de informação e conhecimento, tendo em vista as propostas de mudanças qualitativas para o processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa na Escola. Segundo os PCN's (1999, p. 125) “a linguagem é considerada como a capacidade humana de articular significados coletivos e compartilhá-los, em sistemas arbitrários de representação, que variam de acordo com as necessidades e experiências de vida em sociedade”.

Neste sentido, é importante entender que a principal razão de ser de qualquer ato de linguagem é a produção de sentidos. Ensinar língua materna necessita, então, de tal produção de sentidos para que o aluno possa valer-se desse importante instrumento de acesso ao conhecimento. Assim, a língua materna continua sendo o mais valioso e eficiente instrumento de acesso ao patrimônio sociocultural de que o homem deve apropriar-se para construir seu lugar no mundo. Segundo os PCN's (1999, p. 138), “num mundo marcado por um forte apelo informativo imediato, a reflexão sobre a linguagem é garantia de participação ativa na vida social”.

Assim, a tônica do ensino de Língua situa-se na leitura e escrita, visto que, ambas são processos de construção do significado; nesse processo leitor e escritor transformam-se em elementos fundamentais para a composição deste significado. Para Squire (1983, p. 24), elas são duas faces do mesmo processo cognitivo. São aspectos do pensamento que estão essencialmente inter-relacionados.

Ao cursar o Componente Curricular Estágio III, tive a oportunidade de estagiar numa turma de 6ª série do colégio Felicidade de Jesus Magalhães desta cidade, onde observei o quanto que os alunos apresentam dificuldades com relação a leitura e escrita. Assim, por diversas vezes me perguntei como seria o futuro estudantil destes alunos com esta imensa fragilidade na leitura e escrita?

Diante do exposto, foi imprescindível realizar uma pesquisa sobre a **Leitura e a Produção Textual: Pré- Requisitos no Ensino de Língua Portuguesa**, o

presente trabalho de conclusão de curso está estruturado em três capítulos conforme a exposição que segue: No primeiro capítulo, intitulado **A leitura e suas articulações** procurou-se desenvolver reflexões teóricas sobre os processos de leitura e produção textual embasados nas concepções de estudiosos que enfocam aspectos importantes da percepção da leitura e da produção textual como pré-requisitos no ensino de língua portuguesa. No segundo capítulo – **O livro didático: uma investigação necessária** trata-se das atividades de leitura e produção de texto presentes em cada módulo que compõem o livro didático de português (Novo Dialogo), seguido de reflexões teóricas. No terceiro capítulo **O professor e o ensino de língua** abordam-se as análises e reflexões feitas a partir da entrevista realizada com a professora de língua Portuguesa, a fim de perceber suas reflexões a respeito da temática do trabalho bem como inferências de reflexões teóricas com relação a suas respostas. Tal trabalho tem como objetivo demonstrar a importância que a leitura e a produção textual exercem no ensino de Língua Portuguesa.

Este trabalho apresenta a seguinte metodologia: Embasamento Teórico, Análise do livro didático de língua portuguesa e Questionário com Docente. A pesquisa está centrada em diversos critérios e princípios de sustentação teórica de diferentes autores, os quais propiciaram uma cadeia circular de conceitos com referência ao tema escolhido.

O livro didático escolhido para a análise foi o livro de língua portuguesa Novo Dialogo das autoras Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho, analisei este livro em específico, pois o mesmo foi de extrema importância em meu estágio, onde utilizei de suas propostas de leitura e escrita, observei que os alunos mostraram interesse pelas excelentes atividades de leitura e de produção presentes nos módulos do livro.

Com relação à escolha da docente para aplicação de Questionário, pretendi enriquecer minha pesquisa com a experiência de uma professora que fosse graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia e que estivesse lecionando língua Portuguesa.

CAPÍTULO I

A LEITURA E SUAS ARTICULAÇÕES

1. 1 LEITURA X MUNDO

A leitura consegue inserir o sujeito no universo da cultura letrada, desenvolvendo nele habilidades de dialogar com as várias práticas sociais, ela é peça fundamental num mundo em que a escrita é vista de maneira absolutamente positiva e indispensável na circulação de ideias.

Em nossa cultura, por exemplo, o acesso à leitura é considerado como algo essencial, uma vez que torna possível ao indivíduo a obtenção de benefícios indiscutíveis: aquisição de conhecimento e de aprimoramento cultural, forma de lazer e de prazer estético, ampliação das condições de interação e de convívio social.

Segundo Magda Soares,

Os valores da leitura sempre apontados são aqueles que lhe atribuem as classes dominantes, radicalmente diferentes dos que lhe atribuem as classes dominadas. Pesquisas já demonstram que, enquanto as classes dominantes vêem a leitura como fruição, lazer, ampliação de horizontes, de conhecimentos, de experiências, as classes dominadas a vêem pragmaticamente como instrumento necessário à sobrevivência, ao acesso ao mundo do trabalho, à luta contra as condições de vida. (SOARES, 1998, p. 17-29)

Sob essa perspectiva as classes populares acreditam que a leitura por si só não é boa. Só vêem nela um aspecto positivo caso ela possibilite ao leitor “subir na vida”, ascender socialmente.

A leitura é uma das atividades que produzem discursos diversos, por ser realizada por leitores que também são diversos, uma vez que a linguagem não se limita somente no que é verbal. Além disso, a leitura desenvolve a competência comunicativa e discursiva, produzindo diferentes sentidos e adequando o texto a diferentes situações da língua oral ou escrita. Contudo, não se pode negar que em relação à competência linguística, a leitura possibilita ao falante/ouvinte ou escritor/leitor conhecer e utilizar aspectos linguísticos para a construção de expressões que os compõem.

O ato de ler favorece a aquisição do conhecimento, do desenvolvimento do senso crítico e, sobretudo, a formação dos referidos sujeitos enquanto seres sociais capazes de interagir no meio em que estão inseridos. Para Chartier (1998), o conceito de leitura se transforma e se modifica ao longo da história e possui um vínculo social, um uso social. Em outros tempos, ler era apenas decodificar um texto, memorizá-lo ou ainda compreendê-lo sem a necessidade de interpretá-lo. Hoje, é forte a importância de ser um leitor proficiente, autônomo, que consiga lidar com os diversos gêneros textuais. Para isso, deve-se levar também em consideração a experiência de leitura que o sujeito traz da sua vivência social do seu ambiente de aprendizado que não acontece só na escola como se sabe, conforme afirma Freire (2003), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

É nessa perspectiva que a prática da leitura faz-se importante para a formação do leitor, pois tal prática torna o leitor livre para construir suas próprias ideias, opiniões, atribuindo significados a fim de construir seus próprios conceitos. As práticas de leitura promovem a formação do leitor, e é no ambiente familiar que surge o primeiro contato com este mundo da leitura, quanto a isso, Resende (2000, p. 20-21), argumenta que quando um “aluno se desenvolve em uma família que dá valor à leitura, há maiores probabilidades de ele se tornar um leitor em potencial”. Pois, a família também transmite valores acerca da leitura. Mesmo quando os pais não são leitores, há aqueles que valorizam e transmitem aos filhos a ideia de que a leitura é algo importante para a vida e para o futuro deles.

Entretanto, é na escola, de forma sistemática, que o aluno passa por um processo de aprendizagem para se constituir leitor de fato. Para isso, faz-se necessário aprender regras, conceitos e instruções de como se tornar um bom leitor. Para Freire (apud KOCH, 1996), o aluno necessita ser preparado para tornar-se o sujeito do ato de ler. Sendo assim, o mesmo precisa aprender a significação profunda dos textos com o qual se depara, sendo capaz de reinventá-los, reconstruí-los.

A prática da leitura torna-se fundamental em uma sociedade onde a escrita é vista de modo positivo e imprescindível na circulação de conceitos, ideias e informações. Em nossa cultura, com base na valorização da escrita, o acesso à leitura é considerado como algo essencial, uma vez que torna possível ao sujeito a obtenção de benefícios indiscutíveis: a aquisição de conhecimento, e de

aprimoramento cultural, forma de lazer e de prazer estético, ampliação das condições de interação e de convívio social. No entanto, na maioria das vezes, a escola não considera as leituras prévias do aluno, como maneira de formar leitores, assim, procura formar leitores, geralmente, por meio de apenas uma prática de leitura: a busca de informação, ou seja, extrair do texto respostas para as questões de interpretação. É dentro desse contexto que a formação de leitores torna-se um grande desafio.

Considero que o problema do ensino da leitura na escola não se situa no nível do método, mas na própria conceitualização do que é a leitura, da forma em que é avaliada pelas equipes de professores, do papel que ocupa no Projeto Curricular da Escola, dos meios que se arbitram para favorecê-la e, naturalmente, das propostas metodológicas que se adotam para ensiná-la. Estas propostas não representam o único nem o primeiro aspecto; considerá-las de forma exclusiva equivaleria, na minha opinião, a começar a construção de uma casa pelo telhado. (SOLÉ, 1998, p.32)

Através dos argumentos de Solé, denota-se que a escola tal qual o professor precisam rever seus conceitos sobre o que é a leitura, qual sua importância para a formação do leitor, uma vez que um dos maiores desafios é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente. Segundo a referida autora, a aquisição da leitura é fator indispensável para atuar com autonomia nas sociedades letradas, no entanto ela provoca uma desvantagem imensa nas pessoas que não conseguem realizar essa aprendizagem. Por isso, a importância de se priorizar a formação do leitor. Mariza Lajolo diz que:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (LAJOLO, 1982, apud GERALDI, 2000, p.91)

Segundo Amorim, (2001) formar um leitor nos dias atuais é um processo complexo, pois ler não significa simplesmente decodificar um texto escrito ou extrair a ideia principal de um autor. Significa sofisticar/ampliar o repertório prévio do leitor para este poder interagir com múltiplos textos. Significa conceber essa prática cultural – a leitura - enquanto uma possibilidade de produção de vários sentidos aos

objetos culturais. Assim, as discussões feitas até então a respeito do ato de ler, a priori, devem ser redimensionadas, levando em consideração as causas e efeitos que as práticas da leitura podem vir a provocar na vida pessoal e social dos sujeitos. É nessa perspectiva que a prática da leitura faz-se importante para a formação do leitor, pois essa prática torna o aluno leitor livre para construir suas próprias ideias e atribuir significados a tudo que for do seu interesse.

Portanto, para que seja de responsabilidade do espaço destinado socialmente para tal finalidade – a escola – a aprendizagem do processo de leitura e escrita, ao qual o professor mediador do conhecimento, cria as situações significativas para que os aprendizes sejam capazes de utilizar os recursos expressivos necessários de convivência e interação, fazendo uso e inventando diferentes e amplas formas de representação e se constituindo num campo identitário a partir das diferenças e singularidades dos membros de sua comunidade linguística e do seu sistema de referências a qual fazem parte os indivíduos de uma dada sociedade sem levar em conta os privilégios sociais, econômicos e políticos de poucos.

1. 2 A ESCOLA FORMA LEITORES

Embora seja papel social da escola formar leitores e escritores autônomos, a instituição ainda não desenvolve essa tarefa com plenitude. É crescente o número do alfabetismo rudimentar em todo nosso país, apenas a minoria da população é plenamente alfabetizada, isto é, que consegue ler e compreender textos complexos e expressar o que pensa de forma escrita.

A escola além de ser um espaço privilegiado para o desenvolvimento da leitura e da escrita, lugar onde se dá o encontro decisivo entre a criança e o mundo letrado; é também um espaço de convívio social e cultural, no qual, pela interação entre os sujeitos em torno dos objetos e manifestações culturais, produz-se e partilhar-se a construção coletiva de conhecimentos. À escola cabe promover experiências, situações novas que conduzam à formação de uma geração de leitores e escritores capazes de dominar as múltiplas formas de linguagem e de reconhecer os variados e inovadores recursos tecnológicos disponíveis para a comunicação humana presentes no dia-a-dia. Em outras palavras, é papel da escola garantir aos indivíduos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania. Segundo os PCN's,

A linguagem é uma forma de ação interindividual orientada por uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos de sua história. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 2001, p. 23-24)

Para formar leitores de fato, deve-se ter em mente alguns objetivos, a exemplo, se faz necessário desenvolver habilidades de uso de estratégias e de processos de leitura adequados às diferentes situações presentes no mundo letrado, dominando o conjunto de conhecimentos de mundo e de linguagem pressuposta pela cultura escrita e, sobretudo, entendendo como o que acontece durante a leitura, analisando o processo, decidindo o objetivo da leitura para utilizar uma estratégia apropriada, enfim, o aluno deve se tornar consciente do que ele está fazendo. Dessa forma, torna-se necessário aos professores incentivar o hábito da leitura, essencial para despertar o interesse e a criatividade.

Quando se trata da questão de despertar o gosto pela leitura, sabemos que não há como fazê-lo sem recursos e estratégias, e sem professores que tenham

descoberto o prazer de ler. Mas do que nunca se faz necessário encontrar uma maneira de abrir espaço, para esse tipo de atividade em sala de aula, e não somente ficar presa a sala de leitura com o tempo reduzido e dissociada das outras disciplinas.

O necessário então é fazer da escola uma comunidade de leitores e formar praticantes de leitura e não sujeitos que possam “decifrar” o sistema da escrita. Formar leitores é formar seres humanos críticos, capazes de ler nas “entrelinhas”.

Neste sentido, a leitura hoje é a melhor estratégia para que os alunos produzam bons textos. Mas o leitor, antes de produzir, deve buscar a sua maturidade. Segundo LAJOLO (1982, p. 53), a maturidade de que se fala aqui não é aquela garantida constitucionalmente aos maiores de idade. É a maturidade do leitor, construída ao longo da intimidade com muitos e muitos textos. Leitor maduro é aquele para quem cada nova leitura desloca e altera o significado de tudo o que ele já leu, tornando mais profunda sua compreensão dos livros, das gentes e da vida.

O professor, portanto, ao pretender formar leitores de fato, deve estar disposto a mudar e enriquecer a sua forma de trabalho docente. Para isso, faz-se necessário que ele utilize diferentes tipos de textos; quanto à estrutura, temática, público-leitor, etc. Ele deve criar situações de contato e manipulação dos diferentes suportes de textos, criando situações reais de leitura, solicitando ao aluno que leia; tendo um objetivo em vista: informar, consultar, estudar, refletir, agir, distrair, ter prazer estético, enfim, ler com diferentes propósitos.

Com isso, chega-se a conclusão de que não há uma fórmula pronta para formar leitores, mas existe sim, um conjunto de fatores sociais e metodológicos que influenciam essa formação. O trabalho com a leitura pode e deve ser organizado para se instanciar das mais diversas maneiras. É preciso ajudar o aluno a usar efetivamente a leitura, a refletir continuamente sobre tal uso e avaliar seu próprio desempenho enquanto leitor real. Entretanto, cabe aos professores, tornar possível o acesso a uma gama de textos com estruturas diferentes; relacionados às várias áreas do conhecimento.

É imprescindível que a leitura não seja condicionada apenas ao ambiente escolar. Deve-se ler para se informar e manter-se informado. A leitura também é uma forma de entretenimento, além de proporcionar imenso prazer estético. Em síntese, ser leitor de fato, significa ter prazer, mas também significa perceber o

caráter útil da leitura. Assim, é fundamental que o professor trabalhe com o aluno uma prática de leitura em que haja interação entre texto e leitor. Pois só assim o aluno terá acesso ao mundo da escrita com mais autonomia e criticidade.

Para Solé (1998), o fato de que o leitor constrói o significado do texto não quer dizer que o texto em si não tenha sentido. O que se pretende explicar é que o significado que um texto escrito tem para o leitor não é o mesmo que o significado que o autor quis lhe dar, mas sim, uma construção que envolve o texto, os conhecimentos prévios do leitor e seus objetivos.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997), é obrigação da escola garantir o acesso dos alunos aos diversos portadores textuais, assim como criar espaços para que os discentes saibam utilizá-los como fonte de informação e entretenimento. No entanto, se os pais dos alunos se dispuserem a mediar, junto com a escola, o processo de ensino e aprendizagem da leitura de seus filhos, pode se tornar, de fato, proficiente, pois, segundo Lajolo (2009), “mediadores são os instrumentos mais eficientes para fazer da leitura uma prática social mais difundida e aproveitada”. Tanto os professores, quanto os adultos (pais) que rodeiam o meio em que as crianças convivem são elementos de influência na constituição das crianças ou dos adolescentes como leitores ou não-leitores. Eliane Pyszczol diz que:

Crianças que convivem com adultos leitores, entre livros e discussões acerca das leituras que os adultos fazem, que são embaladas por história ao pé da cama antes de pegar no sono, obviamente crescem em condições mais favoráveis à construção de uma relação positiva e familiar com os livros e leituras.

Deste modo, a ideia de que a leitura é algo de valor e que merece ser cultivado, deve ser fornecida pelos professores, pais e demais adultos que convivem com as crianças, assim estarão influenciando nesta relação entre leitura e bons leitores.

1. 3 O LIVRO DIDÁTICO E O ENSINO DA LEITURA

Se faltam as idéias, se falta a informação, vão faltar as palavras. Daí que nossa providência maior deve ser encher a cabeça de idéia, ampliar nosso repertório de informações e sensações, alargar nossos horizontes de percepção das coisas. (ANTUNES, 2003, p. 45-46)

A aquisição da leitura representa um ato de grande importância na vida cotidiana. Só lendo se descobre como esta é importante para o desenvolvimento cognitivo, social e intelectual do ser humano. No entanto, a leitura é uma ferramenta fundamental para uma aprendizagem satisfatória e significativa, pois por meio dela se abrem novos horizontes para se entender o mundo aprofundando os conhecimentos sobre ele.

O que fazer para que a leitura se torne internalizada, para que ela faça brotar a escrita competente, não como um plágio na produção do aluno? Eis a grande questão. Para alguns autores que escrevem sobre a leitura, indicam-na como a base para a produção textual, pois ambas as práticas são indissociáveis. Para os professores de Língua Portuguesa, isto deve ser a linha mestra a ser seguida na sala de aula. Contudo, muitos livros didáticos de Português ainda não contemplam tais atividades de leitura como pré-requisito para a produção de textos.

Alguns livros trazem textos desinteressantes e sem propósito nenhum de leitura. Querer que o aluno produza uma carta, sem que ele se familiarize com tal gênero é um equívoco que por muito tempo foi cometido por professores de Língua. A leitura, bem como a aquisição da familiaridade com o gênero proposto para a produção é fundamental. Pois, através da leitura, os alunos ampliam significativamente o conhecimento sobre os processos linguísticos para a construção dos textos. Os livros devem, por sua vez, trazer uma seleção variada de textos para que os alunos possam lê-los com diferentes propósitos.

Segundo Bakhtin (1992, 321-326),

Ter um destinatário, dirigir-se a alguém, é particularidade constitutiva do enunciado, sem a qual não há, e não poderia haver, enunciado”, pois “ é sob influencia do destinatário e de sua presumida resposta que o locutor relaciona todos os recursos linguísticos de que necessita.

Os textos presentes no livro didático devem apresentar uma interligação entre o produtor e o leitor porque, embora o trabalho de redigir aconteça longe do

leitor, as escolhas realizadas nesse processo são determinadas pela imagem e pela expectativa que este produtor detém com relação aos leitores, os textos são escritos de forma pensada e programada para conquistar um público alvo. Nesta interação entre produtor e leitor os “Gêneros Discursivos” são de extrema importância neste trabalho linguístico dos sujeitos, nas diferentes esferas da convivência humana. Tais Gêneros estabelecem formas típicas de organização dos discursos em determinadas situações no relacionamento entre interlocutores definindo hierarquias, objetivos e organização no uso da linguagem, dentro do texto eles estabelecem pautas temáticas, padrões de estrutura composicional, como por exemplo, em uma carta comercial podemos reconhecer uma forma composicional típica constituída de data, endereçamento, corpo do texto e assinatura. Os Gêneros também definem o estilo, orientando o processo de seleção de recursos lexicais e morfossintáticos no interior de cada frase e nas relações interfrasais, assim os diferentes gêneros da comunicação que utilizamos diariamente, apresentam vocabulários e sintaxe completamente diferente dos quais utilizaríamos em situações formais, isto equivale tanto na escrita quanto na fala. Daí a importância da presença destes no livro didático, pois os leitores já tem contato com estes gêneros no momento da comunicação do dia-a-dia, bem como, em e-mail, facebook, reportagem jornalística, telenovela, receita culinária..., porém é preciso que o aluno domine estes gêneros discursivos, pois ao produzir um texto escrito ele deverá saber escolher o discurso apropriado, com suas articulações composicionais e seus recursos linguísticos; segundo Bakhtin (1992, p.305),

Quando escolhemos um determinado tipo de frase, não o escolhemos em função do que queremos expressar com a ajuda desta frase; selecionamos este tipo de frase em função do todo do texto completo que se apresenta à nossa imaginação verbal e determina nossa opção.

Entretanto, não se podem formar bons escritores, dentre os ledores, mas sim entre os leitores. A leitura é imprescindível à prática de produção textual, principalmente se o aluno precisa expressar o seu pensamento e opinião, valendo-se dos recursos argumentativos em sua produção. Destarte, a produção através da leitura consiste no processo de interpretação desenvolvida por um sujeito – leitor que depara com um texto, analisa-o, questiona-o com o objetivo de processar seu

significado, projetando sobre ele uma visão de mundo para estabelecer uma interação crítica com o texto.

Para Molina (1982, p.12), a leitura é: “um processo passivo, na qual o estímulo gráfico apresentado aponta direta e automaticamente, para resposta já adquirida, com uma decodificação instantânea numa com significado”. Pode-se dessa maneira, ressaltar que a leitura é um processo passivo já que o leitor está atribuindo sentido passivo, e nessa atribuição, deixa de ter uma atitude passiva, para assumir uma atitude ativa. Para o autor (op. cit., p. 18) “a leitura é uma habilidade cognitiva ativa, dependente de habilidades e capacidades do próprio leitor, mais do que características do texto”.

O livro didático de Português deve trazer uma orientação eficiente para a prática de produção de textos, na escola, deve envolver procedimentos fundamentais distribuídos em dois grandes momentos: o que antecede e o que coincide com o ato de escrever, propriamente dito. No primeiro momento, há que se orientar na busca de conteúdos ideias, opiniões, informações a serem colocados no papel; no segundo, não menos importante, deve-se preocupar com o modo de fazê-lo, resgatando e/ou apresentando habilidades de estruturação do texto que permitam tecer microestruturas eficazes para se conseguir um texto coeso e coerente com as ideias e intenções do autor.

Os alunos devem estar convictos de que escrever é expressar ideias, conceitos, informações, sentimentos, sensações de maneira clara, coesa e coerente com aquilo que se deseja e cabe ao professor ensinar-lhes a selecionar e manipular tanto palavras e frases como ideias, conceitos e informações para que possam obter o resultado desejado em sua produção textual.

Por isso, o trabalho com a oralidade deve ser uma atividade presente no livro didático de Português para que no dia a dia da sala de aula em suas atividades orais, os alunos tenham uma postura participativa e crítica a cerca do assunto abordado nos referidos textos. Além disso, o trabalho com a oralidade trazida no livro didático é uma atividade relevante para analisar em que sentido a língua pode ser um mecanismo de controle social e reprodução de esquemas de poder implícitos no uso da língua na vida cotidiana, tendo ela, complexas e comprovadas relações com as estruturas sociais.

Como dito anteriormente, estamos propondo que enfatizemos as práticas discursivas de leitura e escrita como fenômenos sociais que ultrapassam os limites da escola.

Partindo do princípio de que o trabalho realizado por meio da leitura e da produção de textos é muito mais que decodificação de signos linguísticos, cabe afirmar que a leitura é um processo de construção de significado e atribuição de sentidos. Pressupõe-se também que a leitura e a escrita são atividades dialógicas que ocorrem no meio social através do processo histórico da humanização. Assim, a prática de produção de textos embasa-se, pois, num processo em que:

Compreensão, leitura do que não está escrito, construção de sentidos são habilidades que envolvem questões como a da implicitude (...); dos tipos de implícito e das formas de sua recuperação, nessa eterna “caça ao sentido” (...); dos tipos de inferências necessárias para fazê-lo e de como se processam estrategicamente; de outras estratégias, como seleção, antecipação, verificação, nessa atividade de solução de problemas que é o processamento textual; da necessidade de mobilização de conhecimentos que constituem a memória enciclopédica e dos diversos tipos de conhecimentos a serem mobilizados em função da situação, inclusive aqueles referentes aos gêneros textuais; da intertextualidade, condição mesma de existência dos textos; da necessidade de se admitir uma multiplicidade de leituras (desde que permitidas pela forma como o texto se encontra lingüisticamente construído), (...) questões essas que vêm fazendo parte da agenda da Lingüística Textual há mais de duas décadas. (KOCH, 2002, p. 56-58).

Isso nos sinaliza uma situação de totalização do ensino e da aprendizagem de leitura e produção de textos, pois leitura e escrita são atividades que se complementam num movimento contínuo dentro do processo educativo.

Segundo Rangel (1990), ler é uma prática básica, essencial para aprender. Nada substitui a leitura, mesmo numa época de proliferação dos recursos audiovisuais e da Informática. A leitura é parte essencial do trabalho, do empenho, de perseverança, da dedicação em aprender. O hábito de ler é decorrente do exercício e nem sempre constitui-se um ato prazeroso, porém, sempre necessário. Por este motivo, deve-se recorrer a estímulos para introduzir o hábito de leitura em nossos alunos.

Um escritor precisa ler para observar e absorver o que foi lido. Um escritor precisa ler para se enriquecer culturalmente. Não há um bom escritor que não seja

um leitor voraz com fome de informação, com fome de formação. Um escritor precisa ler bons textos para escrever ótimos textos. Um bom escritor é sempre um ótimo leitor.

Considerando, pois, a produção de textos na escola, pode-se dizer que cabe aos autores de livros didáticos, portanto, trazer em sua coletânea, textos que possibilitam condições para o aluno exercitar-se na arte de pensar, captar e criar suas próprias ideias, através de atividades que exijam reflexão e produção de um novo texto; e para alcançar esse objetivo, deve-se utilizar a criatividade, sempre considerando e usando “a palavra” como veículo de expressão do pensamento, desenhando através da “arte da palavra escrita” um texto original, diferente, como se fosse uma verdadeira obra de arte.

1. 4 OS GÊNEROS TEXTUAIS E O ENSINO DE LÍNGUA

Um dos grandes desafios a ser enfrentado pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente, pois a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, e sua ausência provoca uma desvantagem enorme na vida daquelas pessoas que não conseguiram tal aprendizagem. Considero que o problema do ensino da leitura na escola não se situa só no nível do método, mas na própria conceitualização do que é a leitura.

Neste sentido, a leitura e a escrita aparecem como objetivos prioritários para o ensino de língua portuguesa na escola. Desse modo, espera-se que os alunos ao final de cada etapa de ensino possam ler textos adequados para a sua idade de forma autônoma e utilizar os recursos ao seu alcance para referir as dificuldades dessa área. Além disso, espera-se também que os alunos sejam capazes de ter preferência pela leitura e expressem opiniões próprias sobre o que leram.

Nesta perspectiva, o contato direto no contexto escolar, com os gêneros textuais configuram essa característica de familiaridade com o texto para então fazer inferências, expor suas opiniões e, produzir com autonomia. Segundo os PCN's,

Formar escritores competentes supõe, portanto, uma prática continuada de produção de textos na sala de aula, situações de produção de uma grande variedade de textos de fato e uma aproximação das condições de produção às circunstâncias nas quais se produz estes textos. Diferentes objetivos exigem diferentes gêneros e estes, por sua vez, têm suas formas características que precisam ser aprendidas. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998, p. 47),

Cabe ressaltar também a relevância que os gêneros textuais têm para o desenvolvimento das práticas de leituras, e posteriormente, da escrita. Pois através deles os alunos têm maior acesso a uma variedade de textos que contribuirão para sua formação. A escola é o lugar privilegiado onde o aluno desenvolve os modos de abordar os textos e aprender a dialogar com o que está escrito. Resulta daí a necessidade de trabalhar textos pertencentes a diferentes gêneros, explorando as possibilidades que todos eles deixam em aberto.

Ainda reportando aos gêneros textuais, Prado argumenta que:

A dialética do texto deve realizar-se quando o leitor desempenha seu papel, tão fundamental quanto o papel

desempenhado pelo escritor. Compreender e interpretar é transformar em ato as possibilidades que o texto deixa em aberto. (...) Ela (a leitura) fornece matéria-prima para a elaboração de textos, contribui para a constituição de modelos e coloca o leitor em contato com outras formas de organização interna próprias aos gêneros. (PRADO, 2002, p.15)

Neste sentido, as intenções e situações comunicativas geram os usos sociais que determinam os gêneros que dão forma aos textos. É por isso que, quando um texto começa com “era uma vez”, ninguém duvida de que está diante de um conto e não de uma reportagem, porque todos conhecem tal gênero. Desse mesmo modo, se podem conhecer outros gêneros textuais como anúncios, poemas, etc. Quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística, mas uma forma de realizar linguisticamente os objetivos da realidade e situação sócio-comunicativa. Contudo, apropriar-se do gênero é um mecanismo fundamental à socialização e inserção nas atividades comunicativas humanas.

Segundo Marcuschi (2002, p. 19),

“Os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia”.

É importante observar que as situações e os contextos em que os indivíduos se encontram no momento da produção de determinados gêneros textuais são relevantes para compreender determinadas regras para a produção de discursos. Assim, contar piadas numa igreja, por exemplo, compõe um caso de inadequação às normas de produção adequada do gênero. Entretanto, não só é necessária a produção adequada do gênero como também o uso adequado desse gênero a depender de onde e com quem se fala. Segundo os PCN,

Todo texto se organiza dentro de um determinado gênero. Os vários gêneros existentes, por sua vez, constituem formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura, caracterizados por três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 2001, p. 26)

É importante frisar que embora os gêneros se definam apenas por aspectos formais, sejam eles estruturais ou linguísticos, não quer dizer necessariamente que

desprezamos a forma. Pois é claro que em muitos casos, é a forma que determina os gêneros, enquanto em outros são as funções.

Desse modo, os gêneros textuais serão responsáveis pela familiarização que os alunos terão com diferentes textos, assim, estes aprimorarão cada vez mais sua leitura, compreendendo e interpretando todas as possibilidades que os textos deixam em aberto, podendo emitir opiniões com autonomia sobre o que fora lido.

CAPITULO II

O LIVRO DIDÁTICO UMA INVESTIGAÇÃO NECESSÁRIA

Neste capítulo, desenvolverei uma análise das atividades de leitura e produção de textos presentes no livro didático de Língua Portuguesa da coleção “Novo Diálogo” da 6ª série do Ensino fundamental II, editado pela FTD editora de livros, no ano de 2006, das autoras Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho, as autoras trazem, nos vários módulos, sugestões de leitura e produção de diferentes gêneros textuais (jornalístico, publicitário, poético etc.) importantíssimos para a aquisição da competência linguística e comunicativa do educando, como é o caso da relação fala/escrita, da compreensão e produção de textos, enfim, da abordagem do poema trazida na obra.

Observaremos como o livro aqui estudado, trabalha todo este processo de leitura e escrita o qual estamos discutindo, será que o nosso livro de português está realmente fornecendo atividades de leitura e produção textual efetivas, eficazes, adequadas para o surgimento de alunos leitores e produtores de bons textos; capazes de interpretar e interagir com as diversas leituras de mundo que encontrarão por diante em suas vidas?

Antes disso, identificaremos os responsáveis pelos livros didáticos e traremos um pouco da história, deste livro este que ainda tem se constituído para muitos alunos como o único material de leitura disponível em suas casas, e, por isso mesmo, fundamental para o seu processo de letramento.

2. 1 HISTÓRICO DO LIVRO DIDÁTICO NO BRASIL

No Ano de 1930 desenvolveu no Brasil uma política educacional consciente, progressista, com pretensões democráticas e certo embasamento científico, ano este que marcou a introdução histórica da política do livro didático. Em meados dos anos de 1937 foi criado o órgão INL (Instituto Nacional do livro) subordinado ao MEC, este órgão tinha a função de planejar as atividades relacionadas com o livro didático e estabelecer convênios com órgãos e instituições que assegurassem a produção e distribuição do livro didático (Feitag, 1985).

O decreto-lei 1.006 de 30/12/1938 define, pela primeira vez, o que deve ser entendido por livro didático.

“Art. 2º, parágrafo 1º Compêndios são livros que exponham total ou parcialmente a matéria das disciplinas constantes dos programas escolares; 2º Livros de leitura de classe são livros usados para leitura dos alunos em aula, tais livros também são chamados de livros de texto, livro-texto, compêndio escolar, livro escolar, livro de classe, manual, livro didático.” (Oliveira, 1980)

Através deste mesmo decreto foi criada uma Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), composta por doze membros designados pela presidência, cabia a esta comissão examinar e julgar os livros didáticos, indicar livros de valor para tradução e sugerir abertura de concurso para produção de determinadas espécies de livros didáticos ainda não existentes no país.

Na década de sessenta, já durante o regime militar, foram assinados vários acordos MEC/USAID (entre o governo brasileiro e o americano), em um destes criou-se a Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático (COLTED), esta disponibilizaria gratuitamente cerca de 51 milhões de livros para os estudantes brasileiros, cursos para instrutores e professores e construção de bibliotecas, porém este acordo foi muito criticado entre os brasileiros devido o controle americano no mercado do livro didático, visto que, a eles cabiam à responsabilidade de elaboração, ilustração, editoração e distribuição dos livros; em 1971 a COLTED foi extinta. Depois disto vários programas e comitês em torno do livro didático foram

criados, assim como, discutia-se sobre a importância do professor na escolha do livro didático utilizado em sala de aula.

2. 2 PRINCIPAIS RESPONSÁVEIS PELO LIVRO DIDÁTICO

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) tem o objetivo de aquisição e distribuição, universal e gratuita, de livros didáticos para os alunos das escolas públicas do ensino fundamental brasileiro. A fim de assegurar a qualidade dos livros a serem adquiridos, o programa desenvolve a partir de 1996, um processo de avaliação pedagógica das obras nele inscritas, coordenado pela Condipe (Coordenação Geral de Avaliação de Materiais Didáticos e Pedagógicos) da Secretaria da Educação Fundamental (SEF) do ministério da Educação. Desde 1960 que estudos e investigações sobre a produção didática Brasileira vinham denunciando a falta de qualidade de parte significativa desses livros. Somente no início dos anos de 1990 o MEC deu os primeiros passos para participar mais direta e sistematicamente das discussões sobre a qualidade do livro escolar. Em 1993, por meio do Plano Decenal de Educação para Todos, o professor foi capacitado para avaliar e selecionar o manual a ser utilizado, bem como, contribuir para um livro mais qualificado. O PNLD vem contribuindo para um ensino de melhor qualidade e é uma referencia na produção de livros didáticos, porém, o programa ainda precisa sofrer algumas reformulações, seja em razão da própria dinâmica do processo de avaliação, aquisição e distribuição de livros didáticos, seja em razão das alterações ocorridas nos últimos anos no contexto educacional brasileiro.

Estas informações históricas a respeito do livro didático são válidas, pois este não pode ser estudado de forma isolada “em si”, era preciso este mapeamento de poder e responsabilidade sobre nosso livro, para agora analisarmos por entre linhas este material de estudo, conhecimento e cultura, tão importante para o ensino e indispensável na sala de aula.

2.3 ANALISANDO O NOSSO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA

O livro didático em questão apresenta sete módulos temáticos organizados em três seções: 1) “Texto”, a qual apresenta dois ou três textos em cada módulo introduzidos por uma pequena apresentação e acompanhamento de imagens – ilustrações, mapas, gráficos e outros recursos visuais, trechos acerca do autor do tema ou do gênero em questão. Nesta seção, as atividades de leitura visam trabalhar não com a visão delimitada para reconhecer um gênero, mas com a dinâmica desse gênero na sociedade; 2) “Dialogando com o texto” é uma seção presente na obra, que aparece após os textos principais apresentados em cada módulo. Reúnem uma série de questões que além da simples interpretação por decodificação, desafia os alunos a formular uma visão crítica sobre o assunto abordado como também constrói os sentidos do texto articulando-os com elementos textuais e extra textuais. 3) “Ampliando o texto” é uma seção específica para desenvolver um trabalho com a intertextualidade, nas quais os alunos serão estimulados a perceber como os textos “conversam entre si”.

Nas seções que desenvolvem o trabalho com a oralidade: “Dialogando com a imagem”, “Dialogando com o cinema” e “Debatendo com os colegas” a expressão oral é tratada como uma rica construção de sentidos para os textos verbais e não verbais apresentados e acabam estimulando o desenvolvimento das habilidades necessárias à organização da expressão oral.

Na seção para o trabalho com produção de textos, percebe-se o cuidado em criar sequências de atividades que permitam o tratamento didático adequado a cada um dos gêneros orais ou escritos a serem produzidos. Ao final de cada módulo, uma seção a ser trabalhada por etapas reúne blocos articulados de atividades de leitura e produção de textos que buscam fornecer ao aluno um repertório bastante rico de textos do mesmo universo do gênero e assunto proposto para a escrita.

Diante do exposto, duas questões sobre o livro didático de Língua Portuguesa são cruciais: Qual a noção de língua subjacentes ao livro didático de Língua Portuguesa? Quais habilidades podem ser desenvolvidas através do uso do livro didático de Língua Portuguesa?

Quanto às habilidades a serem adquiridas com o ensino de língua na escola, a obra procura tratar a língua como um lugar de interação comunicativa entre o

homem, o meio e a sociedade. Contudo, a obra ainda deixa a desejar por não trazer em seu repertório textual, os textos de internet, limitando as habilidades básicas do ensino de língua ao falar-ouvir, ler-escrever, deixando de lado o aprender a ver e representar, visto que, o mundo virtual esta cada vez mais presente no cotidiano dos alunos.

Supõe-se com material organizado pelas autoras, que elas julgam relevante o trabalho com a compreensão de diferentes gêneros textuais que levam a reflexões críticas sobre os processos de produção dos mais diversos gêneros presentes na sociedade. Dessa forma, os gêneros textuais surgem e situam-se em culturas em que se desenvolvem. Segundo Marcuschi,

Os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto do trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. (MARCUSCHI, 2002, p. 19)

Nessa perspectiva, investigar os gêneros textuais e desenvolver noções que ajudem a compreender a variedade de textos que circulam socialmente e, sobretudo, analisá-los em suas peculiaridades organizacionais e funcionais é importante para o cotidiano do aluno dentro e fora da escola.

Cabe ressaltar também a relevância que os gêneros textuais têm para o desenvolvimento das práticas de leituras, e posteriormente, da escrita. Pois através deles os alunos têm maior acesso a uma variedade de textos que contribuirão para sua formação. A escola, é o lugar privilegiado onde o aluno desenvolve os modos de abordar os textos e aprende a dialogar com o que está escrito. Resulta daí a necessidade de trabalhar textos pertencentes a diferentes gêneros, explorando as possibilidades que todos eles deixam em aberto.

Neste sentido, as intenções e situações comunicativas geram os usos sociais que determinam os gêneros que dão forma aos textos. É por isso que, quando um texto começa com “era uma vez” ninguém duvida de que se está diante de um conto e não de uma reportagem, por que todos conhecem tal gênero.

Quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística, mas uma forma de realizar linguisticamente os objetivos da realidade e situação sócio comunicativa. Contudo, apropriar-se do gênero é um mecanismo fundamental à socialização e inserção nas atividades comunicativas humanas.

É importante observar que as situações e os contextos em que os indivíduos se encontram no momento da produção de determinados gêneros textuais são relevantes para compreender determinadas regras para a produção de discursos. Assim, contar piadas numa igreja, por exemplo, compõe um caso de inadequação às normas de produção adequada do gênero. Entretanto, não só é necessária a produção adequada do gênero como também o uso adequado deste a depender de onde e com quem se fala. Segundo os PCN's,

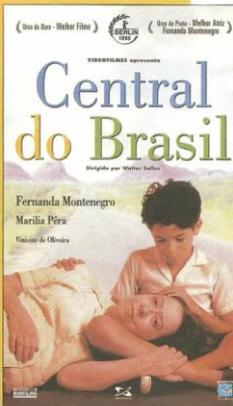
Todo texto se organiza dentro de um determinado gênero. Os vários gêneros existentes, por sua vez, constituem formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura, caracterizados por três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998, p. 28)

Aqui nós observaremos o gênero textual presente na proposta de leitura e produção presente no Módulo I da obra em pauta. Neste módulo “Letras Itinerantes” apresentam-se textos interessantes que abordam uma temática que se acredita envolver os adolescentes, pois trata da carta como um meio de comunicar-se com quem se ama. O texto “A carta” de Luís Fernando Veríssimo retrata a vida cotidiana do ser humano. Com uma linguagem simples e com um grande senso de humor, o autor consegue surpreender o leitor mesmo nas situações mais comuns da vida de um adolescente ou de um jovem. “Esta história é de dois namorados, ele chamado Haroldo e ela, Marta. Os dois brigaram feio, e Marta escreveu uma carta para Haroldo, rompendo definitivamente o namoro e ainda dizendo uma verdade que ele precisava ouvir. (...)” (BELTRÃO, 2006, p. 8)

O texto II “Cartas de Ana para Pedro e de Pedro para Ana” retrata o romance entre dois personagens, Pedro e Ana que ainda não se conhecem pessoalmente, mas por iniciativa de Ana, passam a trocar cartas. Desse modo, as autoras trazem exemplos de cartas com um assunto relevante: o amor. Além disso, no módulo, as autoras procuram estabelecer o que chamamos de intertextualidade entre o texto escrito e o filme “Central do Brasil” como uma proposta didática que visa trabalhar a oralidade. Assim, através da proposta de assistir e analisar o filme “Central do Brasil” espera-se que os alunos percebam qual o papel da carta no mundo ocidental e porque ela é tão importante para a comunicação de milhões de pessoas.

com o cinema

DIALOGANDO



Elenco: Fernanda Montenegro (Dora); Vinícius de Oliveira (Josué); Marília Pêra (Irene); Sônia Lira (Ana); Otton Bastos (César); Otávio Augusto (Pedrão); Stela Freitas (Yolanda); Matheus Nachtergaele (Isaías); Caio Junqueira (Moisés)

Direção: Walter Salles

Roteiro: João Emanuel Carneiro e Marcos Bernstein

Música: Antônio Pinto e Jacques Morelembaum

Tempo de duração: 112 minutos

Ano de lançamento (Brasil): 1998

Sinopse do filme

Mulher que ganha a vida redigindo cartas que os analfabetos desejam enviar, instalada em uma banquinha na estação de trem Central do Brasil, no Rio de Janeiro, ajuda menino, após a morte da mãe por atropelamento, a encontrar o pai no interior do Nordeste.

O papel da carta no mundo ocidental é tão importante que uma das mais antigas instituições brasileiras — os Correios e Telégrafos — mantém um serviço que assegura a qualquer cidadão o direito de enviar uma comunicação por escrito mediante um valor simbólico. É a chamada **carta social**. Os analfabetos que desejam enviar cartas a pessoas queridas e distantes também podem se utilizar desse serviço graças às "escrevinhadoras", que redigem cartas por eles. As escrevinhadoras são como Dora, personagem do filme *Central do Brasil*, que se posiciona na estação de trem e realiza o desejo dessas pessoas.

Professor, peça aos alunos que assistam ao filme brasileiro *Central do Brasil* ou reserve um horário na escola para esse fim.

Assista ao filme *Central do Brasil* e depois junte-se a um(a) colega. Discutam os seguintes tópicos.

1. Qual é o tema do filme?
Um menino que vai em busca do pai após perder a mãe por atropelamento.
2. Que conflito desencadeia a trama da narrativa? A morte da mãe de um menino no momento em que ela, juntamente com seu filho, vai à procura da Dora e Josué.
3. Quem são os personagens principais? mulher que ajuda analfabetos a redigir cartas.
4. A narração cinematográfica apresenta, além do texto, outros elementos por meio dos quais a história se desenvolve, tais como cenários, músicas, caracterização dos personagens etc. No filme *Central do Brasil*, o que você destaca como qualidade da produção?

Resposta pessoal. Sugestão: Professor, o segundo passo (pág. 44) da seção *Produzindo textos* poderá ser iniciado neste momento.

22

Por trás dos bastidores

Walter Salles, diretor do filme *Central do Brasil*, convidou Vinícius de Oliveira, na época engraxate, para fazer um teste. Ele superou mais de 1.500 outros concorrentes ao papel, realizando, assim, seu primeiro trabalho como ator.

Quando Fernanda Montenegro se posicionou para as filmagens na estação de trem Central do Brasil, algumas pessoas de fato se aproximaram dela pedindo que escrevesse cartas. Algumas dessas cenas foram posteriormente incorporadas ao filme.

Sabemos que alguns textos faz remissão a outro efetivamente já produzido e que esta leitura fica fixada na memória dos leitores, são estas semelhanças e marcas entre as leituras dos textos que caracterizam o fenômeno da Intertextualidade. É importante no ensino da produção escrita, chamar a atenção dos alunos com referencia a intertextualidade, destacando que não se trata apenas de construir relações entre textos, mas também observar o modo pelo qual ele se posiciona diante dos textos a que faz remissão, levando em conta o seu propósito comunicativo (Bazerman, 2006).

A intertextualidade é um conteúdo de ensino importante na produção de textos, pois os alunos estarão sempre retomando em suas produções, as ideias de autores que eles já leram; organizando e complementando suas atividades de escrita, assim como, adequando a estrutura textual, organização do corpo do texto e o sentido a que o texto os submetem. Bazerman (2006) afirma que, “cada vez que

fazemos uso de textos alheios em um novo contexto, há uma recontextualização e, portanto, a produção de um novo sentido”.

A proposta de produção de textos “Correio da Amizade” atende às necessidades de leitura e escrita uma vez que, além dos textos trazidos serem interessantes, as autoras procuram propor uma atividade de produção textual seguindo uma seqüência de passos importantes para que os alunos produzam com eficiência o gênero epistolar. Além do mais, a proposta de atividade “Correio da Amizade” instiga o aluno a querer produzir, pois ele produzirá suas cartas pensando num leitor real.

Nota-se, entretanto, que a leitura deve estar presente em todos os ambientes, escola, comunidade, sociedade, e, sobretudo, na família, primeiro espaço onde ela deveria se desenvolver. Quanto a isso, Resende, argumenta que quando um “aluno se desenvolve em uma família que dá valor à leitura, há maiores probabilidades dele se tornar um leitor em potencial”. (RESENDE, 2000, p. 20-21). Pois, a família transmite valores acerca da leitura. Mesmo quando os pais não são leitores, há aqueles que valorizam e transmitem aos filhos a idéia de que a leitura é algo importante para a vida e para o futuro deles. É, na escola, portanto, de forma sistemática que o aluno passa por um processo de aprendizagem para se constituir um leitor de fato.

Para tanto, faz-se necessário aprender regras, conceitos e instruções de como se tornar um bom leitor. Para Freire, o aluno necessita ser preparado para tornar-se o sujeito do ato de ler. Sendo assim, o mesmo precisa aprender a significação profunda dos textos com o qual se depara, sendo capaz de reinventá-los, reconstruí-los.

De modo que o módulo II “Inventos e Inventores” traz textos biográficos de alguns importantes gênios da humanidade, a exemplo, o pintor Leonardo da Vinci. A questão é compreender até que ponto a leitura desses textos pode ser interessante para os alunos.

Entretanto, a prática da leitura torna-se fundamental em uma sociedade onde a escrita é vista de modo positivo e imprescindível na circulação de conceitos, idéias e informações. Em nossa cultura, com base na valorização da escrita, o acesso à leitura é considerado como algo essencial, uma vez que torna possível ao sujeito a obtenção de benefícios indiscutíveis: a aquisição de conhecimento e de

aprimoramento cultural, forma de lazer e de prazer estético, ampliação das condições de interação e convívio social.

Desse modo, para ANTUNES,

A atividade de escrita é, então, uma atividade interativa de expressão (ex- “para fora”), de manifestação verbal das idéias, informações, intenções, crenças ou dos sentimentos que queremos partilhar com alguém, para, de algum modo, interagir com ele. Ter o que dizer é, portanto, uma condição prévia para êxito da atividade de escrever. (ANTUNES, 2003, p. 45)

Assim, o texto I traz a biografia do pintor Leonardo da Vinci. O texto II “A máquina”, de Lúcia carvalho, escritora paulista, é uma crônica que retrata como os avanços da tecnologia muitas vezes transformam objetos que há bem pouco tempo faziam parte do nosso cotidiano em verdadeiros dinossauros. E o texto III “Que tal viver sem eles?” traz pequenos textos sobre alguns objetos utilizados em nosso dia a dia. É um texto informativo de quando esses objetos surgiram. Tomando como ponto de partida os textos propostos para a leitura, percebe-se que a proposta de produção “Mostra: de olho no futuro”, poderá não atingir o objetivo fundamental para que o aluno produza com eficácia: ter um leitor real em mente, visto que, os textos fornecidos para a leitura, são textos biográficos e informativos com pouquíssima relevância no cotidiano dos alunos. Daí a diferença entre propor ao aluno que produza para alguém ler e propor uma produção apenas para ser lida pelo professor resumindo-se em meras redações escolares.

Produzindo TEXTOS

Professor, a proposta desta vez é trabalhar uma ferramenta essencial para a escrita: a descrição. Assim como a narração e a dissertação, ela é uma modalidade ou tipologia de escrita, isto é, uma ferramenta muito útil tanto para textos em prosa como também na poesia. Não há como narrar histórias de ficção ou mesmo relatar fatos sem descrever personagens ou pessoas, cenários ou lugares, situações. Não podemos expor um conhecimento sem recorrer à descrição de uma personalidade, de um momento histórico, de um

procedimento... Para argumentar, muitas vezes também descrevemos comparando itens ou situações. E para instruir ou regular comportamentos — em que se dão as instruções de uso de um objeto ou a receita de um prato, ou ainda as regras de um jogo —, não há como fazê-lo sem descrever ações. Também não é raro encontrar poemas em que os cenários, a pessoa amada ou uma época da vida são descritos.

Mostra:

De olho no futuro



Diante de certos utensílios, máquinas e aparelhos, sempre nos encantamos com a capacidade inventiva do homem. Às vezes, são idéias tão simples que chegamos a nos perguntar: “Por que ninguém pensou nisso antes?”. Outras vezes são criações tão mirabolantes que ficamos perplexos com a imaginação de seu inventor.

A proposta deste módulo é que você também se torne um inventor de objetos ou máquinas úteis para as pessoas. Os inventos, acompanhados de textos que descrevem a utilidade deles e seu funcionamento, vão compor a mostra *De olho no futuro*, na qual esses novos equipamentos, considerados importantes para a vida no futuro, serão apresentados ao público convidado, pais e pessoas da comunidade. Siga as etapas...

... Passo a passo

- I. **Uma idéia puxa outra** • descrevendo com diferentes propósitos
- II. **Caixa de invenções** • entrando no túnel do tempo
- III. **Novidades para o futuro** • criando o invento
- IV. **O futuro é aqui e agora!** • mostrando para o público

80

O módulo III “De olho no consumo” trata de uma temática relevante a ser discutida em sala de aula: o consumo. Os textos trazidos são significativos para compreender e refletir sobre o papel da publicidade no nosso cotidiano. Com a leitura dos textos “A casa dos mil truques”, “Blusão da moda” e o poema de Drummond “Eu, etiqueta” oferecem uma visão especial sobre o consumo, um tema tão comum em nosso dia a dia, porém de muita relevância para discussão em classe.

A proposta de produção “Cartaz: consumidor consciente” possibilita ao aluno perceber como no dia a dia ele se depara com inúmeros estímulos da publicidade escrita. Pois, a proposta de produção oferece uma sequência de atividades que ajudarão a problematizar o antes, o durante e o depois da produção escrita do cartaz. O módulo permite explorar os bastidores da linguagem publicitária e conhecer as estratégias e os recursos utilizados para se obter sucesso junto ao

destinatário destas mensagens. Através da proposta, os alunos poderão aplicar o que aprenderam elaborando um cartaz de esclarecimento sobre os direitos do consumidor a ser afixado num lugar onde possa atingir um grande número de leitores.

A proposta é interessante à medida que segue uma sequência de passos que vão desde os bastidores da linguagem publicitária à construção e divulgação da mensagem que desejam expandir. Tal proposta estimula o aluno a produzir textos com objetivos claros.

Produzindo TEXTOS



Professor, desde já discuta com os alunos a possibilidade de os cartazes produzidos no final da seção serem afixados em lugares de grande circulação de pessoas, como estabelecimentos comerciais, murais de aviso em condomínios etc. Isso permitirá que o trabalho se realize com base em uma situação concreta de comunicação.

Promova uma discussão inicial com os alunos a partir do roteiro a seguir:

Cartaz: Consumidor consciente

- Para que serve a publicidade?
- A publicidade se destina ao mercado como um todo, ou cada peça de publicidade pretende atingir um público específico?
- E as propagandas escritas, que recursos utilizam? Entre as imagens, os textos interessantes, as cores intensas, o que atrai mais sua atenção? Por quê?
- Antes da produção final, é conveniente lembrar os alunos sobre: quem vai escrever, qual o tipo de texto, a quem será dirigido e qual a intenção.



No dia-a-dia, você se depara com inúmeros estímulos da publicidade escrita. Alguns são gigantescos cartazes afixados em edifícios ou à beira das vias públicas, os *outdoors*; outros, pequenos folhetos ou panfletos passados de mão em mão; sem falar nas peças que aparecem em jornais e revistas... Com formas, imagens, cores, tamanhos e, sobretudo, linguagens variadas, o objetivo da propaganda é sempre o mesmo: tentar convencê-lo a experimentar um novo produto, um serviço supostamente diferenciado, ou induzi-lo a modificar algum comportamento.

Neste módulo, você vai explorar os bastidores da linguagem publicitária e conhecer as estratégias e os recursos utilizados para se obter sucesso junto ao destinatário dessas mensagens. Depois, você e seu grupo vão aplicar o que aprenderam, elaborando um cartaz de esclarecimento sobre os direitos do consumidor, a ser afixado em local onde possa atingir um grande número de pessoas.

Siga as etapas...

... Passo a passo

- I. Nos bastidores** • atingindo o alvo
- II. Imagem & mensagem** • compondo significados
- III. Linha direta** • conhecendo nossos direitos
- IV. Aos quatro cantos** • construindo e divulgando a mensagem

122

A obra em questão não deixa de abordar em sua coletânea, o texto poético. Este, por sua vez, é um texto que brinca com as palavras, com a linguagem, explora significados, chama atenção para as várias possibilidades de sentido, fabrica identidades por analogia, através de imagens e metáforas. Mas, por outro lado, a

poesia do século XXI tem apresentado certa flutuação de sentidos. Como afirma MORICONI,

A palavra poesia apresenta certa flutuação de sentidos, para alguns soa ameaçadora, surgindo ou lembrando exercícios difíceis dos tempos de escola. No universo literário, é tida como a mais refinada das paixões. Em princípio, imagina-se que poetas, assim como leitores de poesias, sejam indivíduos singulares, atacados por uma espécie de mania. Dizem que hoje rara e inatural: a mania de ler literatura, mania de cultivar as letras. (...) (MORICONI, 2002, p. 7)

Pensando a poesia como uma forma de cultivar as letras, o intelecto e a força de entendimento como afirma Moriconi, o módulo IV aborda o tema “Poetizando”. As autoras trazem os textos poéticos mais conhecidos da literatura brasileira. Textos que retratam o amor através da poesia, como o poema “Via Láctea” do poeta Olavo Bilac. “(...) E eu vos direi: Amai para entendê-las! Pois só quem ama pode ter ouvido/ capaz de ouvir e de entender as estrelas”. (Olavo Bilac. In: Alexei Bueno, 1996, p. 117). Textos que procuram valorizar o texto poético e, sobretudo, o poeta, a exemplo, o texto “Incapacidade de ser verdadeiro” de Carlos Drummond de Andrade e o poema “Isto” de Fernando Pessoa: “Dizem que finjo ou minto/ tudo que escrevo. Não./ Eu simplesmente sinto/ Com a imaginação. Não uso o coração (...)”. (PESSOA, 1994)

Além disso, o módulo traz também uma síntese da biografia do autor para que os alunos consigam compreender melhor o texto poético ao observar vida e obra. Assim, espera-se que a poesia enquanto arte específica das palavras revele de algum modo a poesia além-livro, essa poesia da vida. Afinal, o mundo é um ato de criação poética (cf. Moriconi, 2002).

Contudo, o que fazer com ou do texto literário em sala de aula é uma das grandes questões a qual debatem os professores da contemporaneidade. Primeiro, porque nas discussões pedagógicas as quais participei, não ouvi falar sobre a poesia, como e por que ler poesia com os nossos alunos. Segundo, porque a precariedade de tal situação costuma ser resumida em clichês e preconceitos quando vem à tona temas como jovem, leitura, professor, escola, enfim, literatura.

A proposta de produção textual presente neste módulo “Sarau de poemas” traz uma sequência de atividades que antecede a produção escrita, onde os alunos poderão perceber que a poesia está em toda a parte e que eles podem trabalhar com a linguagem poética, brincar com as múltiplas possibilidades de significação, sonoridade e ritmo que as palavras podem assumir para dar expressão e voz às

ideias, aos desejos e sentimentos do eu lírico, como afirma MORICONI (2002), “toda linguagem tem seu quê de poesia. Mas a poesia é onde o “quê” da linguagem está mais em pauta”. (p.8)

Tal proposta de produção se faz interessante à medida que ao produzir, os alunos terão um público a atingir uma vez que eles irão apresentar em um sarau de poemas as poesias de sua autoria.



Produzindo TEXTOS

Sarau de poemas

Professor, nesta produção é muito importante a sensibilização para a linguagem poética. Leia o poema expressivamente; solicite também a leitura de um aluno, em voz alta.

[...]

Há poesia

Na dor

Na flor

No beija-flor

No elevador

Oswald de Andrade. Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade. São Paulo, Globo, 1991.

A poesia está em toda a parte e logo também estará no ar e na voz de cada "poeta-aluno". A proposta deste módulo é trabalhar com a linguagem poética, brincar com as múltiplas possibilidades de significação, sonoridade e ritmo que as palavras podem assumir para dar expressão e voz às idéias, aos desejos e sentimentos do eu-lírico. No final, a classe organizará um sarau — encontro artístico-literário —, em que cada "poeta" escolherá um poema para declamar para os colegas.

Siga as etapas...

164

... Passo a passo

- I. Olhar com olhos de ver • enxergando com os sentidos
- II. Acordar as palavras • descobrindo novos significados
- III. Encontro com a poesia • rabisando idéias e versos
- IV. A poesia está no ar • apresentação de poemas

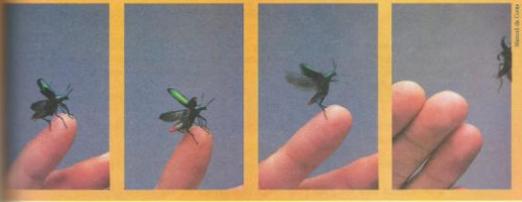
I. Olhar com olhos de ver • enxergando com os sentidos

Caratê[is] aluna[is]. Como é "olhar com olhos de ver"? Nesta etapa, você vai brincar com as palavras e "enxergar" os seus novos significados. Poderá explorar seu olhar e sua imaginação poética.

"As coisas valem pelas idéias que nos sugerem."
Machado de Assis (1839-1908)

1. Você já olhou para um inseto e não o "viu"?

Observe a seqüência de imagens abaixo. Ela revela a sensibilidade do olhar de alguém sobre um fato comum: o pouso e o voo de um inseto.



Arrisque-se! Escreva no seu caderno as suas impressões sobre esse fato, colocando em suas palavras uma boa dose de sensibilidade.

- Você pode ser o inseto...
- Você pode ser apenas o observador atento que reteve as imagens...
- Você pode ser a mão que serviu de apoio...

165

O módulo V “meninos e meninas: eis a questão” traz textos que narram de maneira bem humorada um episódio da convivência de um pai com seus filhos adolescentes. O texto III “O primeiro beijo” mostra como o tempo passa, mas as boas recordações são guardadas e dão belas histórias. É um texto retirado do livro “Confissões de Adolescente” de Maria Mariana em que a narradora-personagem conta episódios marcantes de sua infância e adolescência. Na seção ampliando o texto, as autoras apresentam um quadro sobre as principais mudanças que ocorrem na adolescência tanto com os meninos quanto com as meninas, importante para que eles compreendam as mudanças ocorridas ao longo dos anos, sobretudo no aspecto comportamento tanto deles quanto delas.

A atividade de produção textual “Adolescente de ontem x adolescente de hoje – o que mudou o que continua igual?” é uma excelente proposta de produção,

pois ela propõe aos alunos, produzir a partir de uma determinada temática, seguindo alguns passos relevantes: pesquisa, síntese do que fora pesquisado, preparação da exposição e apresentação oral e escrita da pesquisa, e é algo que eles estão vivenciando diariamente confrontando com alguns comportamentos de adolescentes de outra época. É uma proposta para trabalhar em grupo e cada grupo irá pesquisar um determinado sub-tema dentro da temática abordada e apresentar oralmente os resultados da pesquisa.

Siga as etapas...

... Passo a passo

I. Tintim por tintim - pesquisando o assunto

II. O essencial - sintetizando as informações

III. O mapa da mina - preparando a exposição

IV. Com a palavra... - apresentando os resultados

I. Tintim por tintim • pesquisando o assunto

Ontem e hoje...



Como eram os jovens de ontem?

Como lidavam com sua sexualidade?

O que era permitido?

E os jovens de hoje, como lidam com sua sexualidade?

O que mudou em relação ao papel da mulher e do homem?

O que era proibido?

As regras são diferentes para homens e mulheres?

Caro(a) aluno(a),

O que mudou no modo de vida dos jovens de hoje em relação aos jovens de antigamente? Prepare-se para entrar em contato com histórias que marcaram e ainda marcam a adolescência da grande maioria das pessoas.



Prepare-se para conhecer e comparar as experiências de pessoas que viveram a adolescência em outra época com as dos jovens de nossa época. Para isso, farão quatro entrevistas: duas com seus pais ou avós e duas com adolescentes de hoje. Siga o roteiro.

1: Reúna-se com mais quatro colegas e conversem sobre esse assunto. O que vocês pensam a respeito? Que diferenças vocês acham mais marcantes em relação à geração atual?

210

2: Leiam os itens a seguir e definam, junto com o professor, qual assunto será pesquisado por você e seu grupo.

Grupo 1 - Relacionamentos dos jovens de ontem e de hoje.

Grupo 2 - Cotidiano dos jovens de ontem e de hoje.

Grupo 3 - Ídolos dos jovens de ontem e de hoje.

Grupo 4 - Educação: regras e limites dos jovens de ontem e de hoje.

Grupo 5 - Formação cultural dos jovens de ontem e de hoje.

Leiam as sugestões de perguntas para os assuntos propostos.



GRUPO 1

PESQUISA COM OS ADOLESCENTES DE ONTEM

1. Relacionamentos

- Como era o namoro na época de sua adolescência? O que era proibido? O que era permitido?
- Como era a relação entre pais e filhos?

2. Vantagens e desvantagens dos costumes da época quanto aos relacionamentos

- O que havia de bom naquele tempo que não há mais? O que não era bom e que hoje é melhor?

PESQUISA COM OS ADOLESCENTES DE HOJE

1. Relacionamentos

- O que é proibido e o que é permitido na relação com o sexo oposto? Qual é sua preferência: namorar firme ou "ficar"?
- Como é a relação com os pais? Existe abertura para o diálogo?

2. O que gostaria de mudar nos relacionamentos de hoje

- Que atitudes e costumes gostaria que fossem diferentes nas relações? O que ainda precisa ser melhorado?



211

No módulo VI “Cidadão: uma parceria com a vida” as autoras trazem a literatura de cordel como leitura reflexiva para debater a temática da seca, retratando como vive o sertanejo quando o inverno marca sua presença. O cordel “A seca e o inverno” de Patativa do Assaré retrata como ao longo da história, muitos contrastes sociais foram se estabelecendo no Brasil de norte a sul, de leste a oeste. “(...) Das mãos deste bravo caboclo roceiro/ fiel prazenteiro modesto e feliz/ É que o ouro branco sai para processo/ Fazer o progresso do nosso país”.

TEXTO

1

Ao longo da nossa história, muitos contrastes sociais foram se estabelecendo no país, de Norte a Sul, de Leste a Oeste. O texto em cordel que você vai ler destaca em seus versos um desses contrastes retratando como vive o sertanejo quando o inverno marca sua presença.

A seca e o inverno

Na seca inclemente no nosso Nordeste
O sol é mais quente e o céu, mais azul
E o povo se achando sem chão e sem veste
Viaja à procura das terras do Sul

Porém quando chove tudo é riso e festa
O campo e a floresta prometem fartura
Escutam-se as notas alegres e graves
Dos cantos das aves louvando a natura

Alegre esvoaça e gargalha o jacu
Apita a nambu e geme a juriti
E a brisa farfalha por entre os verdores
Beijando os primores do meu Cariri

De noite notamos as graças eternas
Nas lindas lanternas de mil vaga-lumes
Na copa da mata os ramos embalam
E as flores exalam suaves perfumes

Se o dia desponta vem nova alegria
A gente aprecia o mais lindo compasso
Além do balido das lindas ovelhas
Enxames de abelhas zumbindo no espaço

E o forte caboco da sua palhoça
No rumo da roça de murcha apressada
Vai cheio de vida sorrindo e contente
Lançar a semente na terra molhada

Das mãos deste bravo caboco roceiro
Fiel prazenteiro modesto e feliz
É que o ouro branco sai para o processo
Fazer o progresso do nosso país.

Patativa do Assaré. Revista Nova Escola. São Paulo, Abril, abril de 2001.

Inclemente: duro, áspero, severo, rigoroso
Jacu: ave que habita as matas primitivas do Brasil
nambu: variação de inhambu. Ave quase desprovida de cauda
juriti: ave de coloração parda com tons avermelhados; tem canto agradável e nostálgico
farfalha: (do verbo farfalhar) fazer ruído semelhante ao da folhagem das árvores sob ação do vento
prazenteiro: alegre, festivo, jovial
ouro branco: açúcar

Antônio Gonçalves da Silva, conhecido como Patativa do Assaré, nasceu em Serra do Sarareá, no município de Assaré, em 1909. Cego de um olho desde os 4 anos, aos 5 já exercia a arte de fazer versos. A poesia em sua vida chegou antes da escrita. Alfabetizou-se aos 12 anos, ficando apenas alguns meses na escola: foi considerado, por isso, um autodidata. Em 1956, publicou seu primeiro livro, *Inspiração nordestina*. Vieram depois outras coletâneas de versos: *Cante lá que eu canto cá*, *Ipirinho e Fulô*, *Cordéis...* Morreu em 8 de julho de 2002, aos 93 anos.

222

223

Como proposta de produção para o módulo, há uma primeira seção produzindo textos “Primeira Página (1ª parte)” a qual traz uma sequência de atividades passo a passo para montar um jornal. O que esta proposta sugere é que no final do módulo seguinte, os alunos montem um jornal e levem suas produções escritas para além dos muros da escola. Eles irão produzir notícias para levar informação, conhecimento e contribuir com o desenvolvimento da consciência de cidadania de seu público-alvo – a comunidade do bairro da escola.

Nesta primeira proposta, os alunos vão entrar em contato com a linguagem dos textos jornalísticos, descobrir como são organizadas as informações em uma notícia e, como um repórter, seleciona os assuntos de interesse da comunidade para poder produzir sua matéria. Para a jornalista argentina Roxana Murdochowicz, os jornais são “janelas de papel” por onde nós, leitores, podemos ver o que acontece à nossa volta. Por seu intermédio, recebemos diariamente notícias de fatos ocorridos em todas as partes do mundo.

No módulo VII “Natureza em estado de alerta”, o livro traz textos sobre como o homem das cidades grandes perdem o contato com a natureza, com os animais. Crônicas, textos informativos, reportagem entre outros são os tipos de textos presentes ao longo deste módulo. Sua proposta de produção textual “Primeira

Página (2ª parte) os alunos deverão se tornar porta-vozes da natureza e da cidadania, através da edição de um jornal”. Para tanto, eles irão montar equipes em que cada membro terá funções específicas, tais como abordar os assuntos a serem pesquisados, entrevistar especialistas, escrever as matérias, escolher as melhores reportagens para a publicação etc.

No final, o jornal será distribuído para o público escolhido, levando assim – direto da redação – o conhecimento e as informações capazes de estimular os leitores a assumir novos valores e atitudes com relação ao meio ambiente. A seção propõe uma sequencia de passos que vão desde a escolha das equipes e da pauta dos assuntos ao momento de preparação e divulgação do jornal. Tal proposta de produção se torna interessante ao passo que ao produzir o jornal ele não ficará apenas no âmbito da escola, mas circulará em toda a comunidade do bairro. É uma escrita com o propósito de formar leitores competentes, cidadãos críticos, enfim, reais produtores de textos eficazes e relevantes para o desenvolvimento da leitura daqueles que convivem ao seu redor.



Produzindo
TEXTOS

Photo: Disc/Getty Images

Primeira página (2ª parte)

Nesta etapa você e seus colegas deverão se tornar porta-vozes da natureza e da cidadania, por meio da edição de um jornal. Para isso, a classe vai montar equipes em que cada membro terá funções específicas, tais como pautar os assuntos a serem pesquisados, entrevistar especialistas, escrever as matérias, escolher as melhores reportagens para a publicação etc. No final, o jornal será distribuído para o público escolhido, levando assim — “direto da redação” — o conhecimento e as informações capazes de estimular os leitores a assumir novos valores e atitudes em relação ao meio ambiente.

Siga as etapas...

... Passo a passo

- I. Constituindo o jornal** • escolhendo as equipes e a pauta de assuntos
- II. Repórter em campo** • coletando informações
- III. A matéria** • escrevendo o texto final
- IV. Direto da redação** • preparando e divulgando

277

Conclui-se, portanto, que há um consenso por parte de estudiosos da língua e da educação de que o ensino de Português deve basear-se em dois eixos principais: a leitura e a escrita. Essa posição está presente nos PCN's:

Atualmente exigem-se níveis de leitura e escrita diferentes dos que satisfizeram as demandas sociais até há bem pouco tempo – e tudo indica que essa exigência tende a ser crescente. (...) Dentro desse marco, a unidade básica de ensino só pode ser o texto. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998, p.23)

Não obstante, considero que as reflexões trazidas neste capítulo, como também a análise da obra módulo por módulo, precisam ser submetidas à apreciação de docentes. Minha intenção foi, simplesmente, observar algumas reflexões e resultados da pesquisa sobre o ensino e aprendizado da leitura e da escrita na escola, levando em consideração a leitura e a produção presente no livro didático de Português.

CAPÍTULO III

O PROFESSOR E O ENSINO DE LÍNGUA

Com enormes dificuldades de leitura, o aluno se vê frustrado no seu esforço de estudar outras disciplinas e, quase sempre, deixa a escola com a quase inabalável certeza de que é incapaz, de que é linguisticamente deficiente, inferior, não podendo, portanto, tomar a palavra (...)

ANTUNES, 2003, p. 20

Considerando que o aluno se vê, ao sair da escola para sociedade como um sujeito “fracassado” por não conseguir dialogar com as inúmeras formas de linguagem e saberes vistos no cotidiano é que se precisa pensar no ensino de língua como um importante instrumento de acesso ao conhecimento e que a leitura e a escrita insere o sujeito no universo da cultura letrada, desenvolvendo nele habilidades necessárias para o diálogo com outras culturas e com o mundo.

O livro didático de Português, entendido como uma obra composta por unidades, neste caso, módulos, com conteúdos e atividades preparados para serem seguidos por professores e alunos, principalmente na sala de aula, constitui-se num material de ensino e aprendizagem muito importante (não o único) em grande parte de nossas escolas. Por isso, acredita-se que a realização dessa pesquisa voltada para leitura e produção textual ajudará a refletir sobre como o ensino de língua portuguesa está sendo pensado nos últimos anos.

Para tanto, foram levantadas algumas questões a uma professora que aqui identificaremos como Maria, graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia Campus IV em 2006 que serviu-nos de objeto de estudo e reflexão sobre o processo de leitura e produção textual na escola.

A entrevistada leciona a mais de 10 anos no ensino público. Já trabalhou em diversos colégios desta cidade e hoje se encontra lecionando no COMUJA. Uma das maiores dificuldades enfrentadas por ela, é, exatamente, àquelas que perpassam o contexto das escolas: Trazer os pais para participarem da vida escolar de seus filhos; capacitar professores e funcionários para melhor atender aos educandos e, sobretudo, promover um ensino de qualidade.

A classe da 6ª série, a qual a professora em questão ministra aulas de Língua Portuguesa possui aproximadamente 30 alunos com faixa etária entre 12 e

15 anos, com diferentes ritmos de aprendizagem. Um considerado número desses alunos ainda não leem e nem escrevem com autonomia, fazendo-se necessário desenvolver um trabalho mais consistente com diferentes gêneros textuais para que eles se tornem leitores e produtores de textos mais eficazes, relata a professora.

Aqui, cabe, entretanto, refletir sobre as respostas dadas pela professora ao ser questionada sobre como ela encara o ensino de Língua hoje na escola que trabalha. Vejamos:

1) Qual a sua concepção a respeito do ensino de Língua Portuguesa na Escola?

Observo que existe uma grande responsabilidade para os professores de Língua Portuguesa, vejo também que o ensino desta disciplina vem sofrendo muitas mudanças, porém ainda falta um trabalho com leitura, escrita e interpretação de textos mais consistente.

Baseando-se na resposta da professora entrevistada, atendendo a questão levantada a respeito do ensino de Língua Portuguesa na Escola, vale ressaltar que o processo de ensino e aprendizagem de língua materna, no nosso caso a Língua Portuguesa tem sido, nas últimas décadas, uma questão bastante estudada por educadores, que discutem, além de seus objetivos, as diversas possibilidades de conduta que o professor pode seguir em sala de aula – com base em distintas concepções de linguagem, entre outros amplos e variados aspectos.

Há, no entanto, três concepções de linguagem subjacentes ao ensino de Língua Portuguesa no Brasil: a linguagem enquanto expressão do pensamento, linguagem como instrumento de comunicação e linguagem enquanto processo de interação humana.

Sobre tais concepções, Magda Soares (1998: 54) retrata como se constituiu o ensino de língua no Brasil. A autora explica que com a Reforma Pombalina, em 1759, o ensino de língua materna se tornou obrigatório, e a partir de então, se consolidou seguindo o antigo modelo de ensino da Gramática da Língua Latina, restringindo-se ao estudo das disciplinas Gramática, Retórica e Poética, tal método de ensino perdurou por séculos.

No entanto acreditava-se que ensinar Língua Portuguesa era simplesmente fazer com que os alunos decorassem uma listagem de regras da Gramática

Normativa. As classes gramaticais e as regras ortográficas, por exemplo, eram dadas aos alunos de forma desvinculada da realidade cotidiana do uso da língua. Tinha-se a linguagem como expressão do pensamento.

Uma segunda concepção do ensino de língua a concebe como instrumento de comunicação. Nessa concepção de linguagem o texto é visto como um simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado por um receptor, presumindo-se que para a compreensão basta apenas o conhecimento do código – a língua, concebendo o receptor como um sujeito passivo, que recebe a informação tal qual a enviou o emissor, existindo apenas uma única possibilidade. Não se quer dizer, evidentemente, que a língua não seja instrumento de comunicação, mas, obviamente, não se resume a tal.

A concepção de linguagem enquanto processo de interação humana concebe a língua como um processo de interação em um dado contexto sócio histórico e ideológico, em que o indivíduo realiza ações por meio da linguagem, agindo e atuando sobre o interlocutor. Sendo a linguagem uma atividade constitutiva, uma forma de compreensão dos sentidos, das relações e do mundo, atividade que se faz pela interação comunicativa mediada pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores.

Tal concepção reconhece um sujeito como um ser ativo em sua produção linguística, que realiza um trabalho que é resultado da exploração, consciente ou não, dos recursos formais e expressivos que a língua coloca à disposição do falante. Além disso, também percebe que a linguagem não é um ato individual, o outro se inscreve tanto no ato de recepção/decodificação da mensagem, como no ato de sua emissão/codificação, pois no momento em que a mensagem está sendo construída pelo emissor, o outro é condição necessária para a existência do texto.

Desse modo, o professor não se impõe como avaliador dos textos dos alunos, mas como um interlocutor, encarando o aluno como sujeito de seu discurso. Com esse procedimento, o professor questiona, sugere, provoca reações, exige explicações sobre as informações ausentes no texto, contrapõe à palavra do aluno uma contra-palavra, refutando, polemizando, concordando e negociando sentidos mediante as pistas deixadas no texto. Tudo isso, para que o texto alcance o efeito de sentido proposto pelo autor. O texto não é visto como um produto, mas como um

processo, como um trabalho que deve ser explorado, valorizado e vinculado aos usos sociais.

2) Qual a relevância dada às atividades de leitura e produção textual em suas aulas de Língua Portuguesa?

Em minhas aulas de Língua Portuguesa, dou muita importância às atividades de leitura e produção textual, pois sinto esta necessidade a cada dia e sei que esse é um caminho para que os nossos alunos desenvolvam as habilidades de leitura e escrita.

De acordo com tal resposta pode-se afirmar que a leitura e a escrita são pontes incontestáveis para que haja uma inclusão do indivíduo dentro da sociedade. Tendo a escola a responsabilidade de sistematizar esses saberes, salienta-se que não é papel apenas do professor de Língua Portuguesa utilizar-se do texto para que haja uma aquisição significativa da linguagem. Outras disciplinas do Ensino Fundamental devem utilizar textos através dos gêneros disponíveis na sociedade com um fim comum: a inserção do aluno no mundo letrado.

Reconhecendo sua importância na sala de aula é de extrema importância a utilização do texto frequentemente em classe e que este uso possa articular-se coerentemente dentro de uma proposta interdisciplinar articulada entre as diversas áreas do conhecimento.

Segundo as orientações apresentadas pelos PCN's (1999), todo professor, independente da sua área de formação, deve ter o texto como instrumento de trabalho. Este, por sua vez, deveria ocupar lugar de destaque no cotidiano escolar, pois, através do trabalho orientado para leitura, o aluno deveria conseguir apreender conceitos, apresentar informações novas, comparar pontos de vista, argumentar, etc.. No entanto, o que se observa é que construir habilidades e competências que envolvam a leitura e a produção textual é papel atribuído não apenas aos professores de língua, limitando o espaço do texto na escola, mas a todos àqueles que se comprometem com o ensino e aprendizagem da cultura escrita. Pois, se o objetivo do professor enquanto educador é promover o processo de ensino e aprendizagem, deve perceber que a linguagem é o meio pelo qual essa ação se concretiza, por isso deve-se desenvolvê-la.

Tomamos como base, o conceito de gênero textual apresentado por Bakhtin (1997). Segundo ele, os gêneros textuais são formas relativamente estáveis de enunciados que se definem por aspectos relacionados ao conteúdo, à composição estrutural e aos traços lingüísticos, extremamente ligados aos contextos (condições e finalidades) nos quais estão inseridos. É por esta dependência com relação ao contexto que eles são historicamente variáveis. Assim, a imensa diversidade de gêneros é que forma a língua.

Dessa maneira, se compreendemos o texto como sendo a unidade básica da linguagem verbal, devemos utilizá-lo como instrumento em sala de aula e torná-lo mais presente no cotidiano escolar dos nossos alunos trazendo para o contexto educacional os diversos gêneros textuais disponíveis na sociedade.

Quanto a isso, nos Parâmetros Curriculares Nacionais afirma-se que:

Cabe a escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar e, mesmo assim, não consegue manejar, pois não há um trabalho planejado com essa finalidade. (PCN, 1997, p.30)

Percebe-se, com isso, a necessidade de um ensino de língua que esteja de acordo com o contexto no qual os alunos estão inseridos. Neste sentido, a escola deve procurar envolver seus alunos em situações concretas de uso da língua, de modo que consigam, de forma criativa e consciente, escolher meios adequados aos fins que se deseja alcançar.

Ao explorar a diversidade textual, o professor aproxima o aluno das situações originais de produção dos textos não escolares, como situações de produção de textos jornalísticos, científicos, literários, etc. Essa aproximação proporciona condições para que o aluno compreenda como nascem os diferentes gêneros textuais, apropriando-se, a partir disso, de suas peculiaridades, o que facilita o domínio que deverá ter sobre eles.

De acordo com os Parâmetros curriculares Nacionais de Língua Portuguesa:

Quando entram na escola, os textos que circulam socialmente cumprem um papel modelizador, servindo como fonte de referência, repertório textual, suporte de atividade intertextual. A diversidade textual que existe fora da escola pode e deve estar a serviço da expansão do conhecimento letrado do aluno. (PCN, 1997, p.34)

Dessa forma, uma seleção variada de gêneros é muito útil e necessária para orientar a programação curricular, seja enquanto definição de princípios seja enquanto delimitação de objetivos, conteúdos e atividades. A diversidade textual, que existe fora da escola, pode e deve estar a serviço da expansão do conhecimento letrado do aluno.

3) Você considera a utilização do livro didático importante para a sua prática docente? Com que frequência você o utiliza em suas aulas?

Sim, estou sempre utilizando o livro em minhas aulas.

Em se tratando do livro didático nas aulas de Língua Portuguesa, a sua importância, a sua real utilização e utilidade, podemos lembrar que ler é conhecer, daí a importância que o livro assume para a aquisição do conhecimento. Quanto à aprendizagem, através do livro didático, pode-se afirmar que por meio dele há uma oportunidade de estar em contato com o mundo e com o conhecimento.

O livro didático é um recurso que tem uma importância crescente em um sistema de ensino massificado, para o qual é preciso assegurar um mínimo de qualidade. Dispor de um material didático pedagógico ou de apoio é um dos pontos favoráveis para o aluno realizar sua pesquisa, suas atividades e até mesmo elaborar suas produções.

Com isso, identifica-se que apesar dos avanços tecnológicos, bem como da facilidade de pesquisa, ainda é recomendável ter em perspectiva o livro didático como o instrumento mais democrático de disseminação da cultura. Rigorosamente, todo livro assume um caráter didático, no momento em que se torna alvo do trabalho pedagógico organizado por um professor.

Entretanto, qualquer recurso bibliográfico apresenta seus pontos positivos e negativos. Cabe ao professor ser crítico no seu uso para que consiga ser estrategista não o tornando uma única fonte de pesquisa. Além disso, para o escritor Piletti (Entrevista, 2004), “nem tudo o que está no livro didático o professor vai utilizar e nem tudo que o professor vai fazer em sala de aula tem que estar no livro didático”.

O professor é que tem condições de ser o principal autor de suas aulas, sendo capaz de utilizar os mais diferentes recursos didáticos para junto com seus alunos protagonizar o processo de ensino e aprendizagem. *"Nenhum material didático pode ser tão decisivo quanto a presença dinâmica do próprio professor"* (DEMO, 2004, p. 58).

4) Além do livro didático, há outras propostas de produção textual em suas aulas?

Com certeza, tento dinamizar minhas aulas e sempre trabalho com variados gêneros, por isso utilizo livros, revistas, textos de outros livros, receitas, poesias, entre outros.

O livro didático sempre foi considerado o principal instrumento de ensino e aprendizagem nas nossas escolas, além de condutores de raciocínio e incentivadores da interatividade. Na maioria das vezes, são elaborados de forma a serem um material auto-suficiente para o estudo da língua, dispensando inclusive a consulta a outros materiais como dicionários, gramáticas, etc..

Conforme afirma BRITO (1991, p.42),

Muitos livros didáticos atuais de ensino de Português trazem, implicitamente, uma concepção de língua inadequada. Poucos estão preocupados com os processos psicológicos envolvidos na aprendizagem da escrita ou atentos às conseqüências que a noção de treinamento traz ao ensino. (BRITO, 1991, p.42)

Entretanto, para ampliar o conhecimento de mundo do aluno, é necessário apresentar-lhe diversos tipos de textos, produzidos por pessoas diferentes e com diferentes opiniões, a fim de que ele perceba com clareza que textos não apresentam verdades absolutas. Visando ampliar seu conhecimento sobre a língua, ele deve tomar conhecimento dos diversos tipos de linguagem existentes, com suas características e especificidades; assim, ele será capaz de utilizar o texto específico para cada situação de comunicação.

Há vários caminhos e recursos que o professor pode e deve utilizar a fim de preparar adequadamente o aluno para o processo de produção de um texto. O livro

didático pode auxiliá-lo, porém, ele não deve ser considerado como única fonte de conhecimento e verdade, pois nele pode haver falhas de ordem conceitual e até mesmo didática. Além disso, as propostas de produção textual presentes nos livros didáticos devem proporcionar a formação de construtores de textos capazes de produzirem diferentes textos adequados aos usos sociais.

5) Os alunos apresentam dificuldades para entender as propostas de produção textual? Justifique.

Ensinaamos em turmas heterogêneas, por isso temos alunos que apresentam muitas dificuldades sim, e temos também aqueles que atendem a proposta muito bem.

Diante da afirmação da professora entrevistada, conclui-se que a produção de textos deve ser o momento culminante no processo de aprendizagem da língua. Para isso é importante que o aluno sinta-se motivado e seguro para a elaboração desse trabalho. O ato de escrita não deve ser uma imposição, mas uma tarefa gratificante. "Escrever é também uma forma de expressão artística e até de passatempo", conforme afirma Cagliari (1999, p. 102).

Mas, escrever um texto coerente, que seja claro e objetivo, exige do aluno um domínio da linguagem escrita que, muitas vezes, ele ainda não possui. Portanto, para formar alunos produtores de textos, são necessárias várias etapas. A leitura é à base de todas elas. Ela precede a própria escrita, pois é justamente a mistura de textos trazidos pelo professor ou pelos livros didáticos que permitirão ao aluno perceber os vários níveis de leitura, as várias opiniões que um único texto pode proporcionar. O debate desses textos oferece ao aluno a oportunidade de expor suas ideias e, ao mesmo tempo, ampliar o nível de compreensão do assunto tratado. Além disso, através da leitura, o aluno pode desenvolver um amadurecimento linguístico específico e reconhecer sua própria capacidade de dar opiniões. A escola deve ser o espaço privilegiado da construção de leitores mais críticos e abertos às várias possibilidades de sentido existentes em um discurso.

O professor pode e deve trazer para a sala de aula as obras integrais de grandes autores e não limitar a leitura de seus alunos aos fragmentos textuais

apresentados nos livros didáticos, pois o processo de fragmentação sofrido pela produção literária traz grandes perdas de sentido, mesmo em se tratando de um autor valorizado culturalmente.

Como forma de incentivar os alunos, a produção de texto deve apresentar objetivos precisos, e torna-se uma necessidade, uma atividade de real importância. A escrita é uma prática social e deve ter um sentido dentro do grupo em que é praticada.

Portanto, as propostas de produção de texto devem proporcionar a formação de "escritores" capazes de elaborar textos adequados aos usos sociais.

O texto que o aluno cria não pode ficar só no caderno. Deve-se escrever para outras turmas ou para outros alunos lerem, para os pais ou para publicação no jornal da escola ou de um livro.

Um escritor não escreve só para si, mas principalmente para seus leitores. Segundo Chiappini (1997, p.18), "um texto bem formado não é apenas aquele que leva em consideração os aspectos linguísticos e semânticos, mas também pragmático, traz em seu bojo, desde o momento inicial de sua concepção / produção, uma preocupação com o seu destinatário". Portanto, esses textos devem ser adequados aos diferentes interlocutores.

Um outro aspecto importante refere-se à escolha do tema da produção; ele deve ser interessante e estar ligado à vida cotidiana do aluno. O aluno produz mais quando escreve numa situação real, pois assim eles podem explorar suas funções expressivas.

O processo de produção de um texto exige do aluno dois posicionamentos distintos: um quando ele escreve e outro quando ele lê o que escreveu. Nesse momento, o escritor torna-se leitor crítico do próprio texto. Sendo assim, a revisão da escrita é algo decisivo para chegar à produção de um bom texto. Rever e reescrever um texto, alternando-o por meio de acréscimos, reduções, ampliações, substituições, não é tarefa simples. Isso exige treino e certo domínio de várias formas de composição; o trabalho deve ser, portanto, gradativo e disciplinado", segundo Sargentini (1998, p.3). "A competência da escrita só é adquirida através da prática de escrita e reescrita de textos".

6) Em sua opinião, o livro didático utilizado atende às necessidades reais dos alunos em relação à leitura e produção de texto? Justifique.

Não. Ele ajuda, mas não é o suficiente para atender toda a demanda.

Com base na resposta da professora entrevistada, pode-se acrescentar que atualmente, falar do ensino de Português sem mencionar a questão do livro didático é deixar um vazio na composição dessa história. Não queremos evidenciar que ele seja a peça fundamental do processo de ensino e de aprendizagem, mas não há como negar sua grande representatividade na constituição do saber histórico escolar.

Nesse sentido, o livro didático, no contexto escolar, se apresenta como uma referência para o professor, para o aluno e para a família e, com certeza pode nos fornecer pistas valiosas na compreensão das práticas do cotidiano escolar e das representações de ensino e de aprendizagem, em um determinado presente histórico, em um dado lugar. Por reconhecer sua importância no cotidiano escolar, e entender que nenhum livro é neutro, pois são produzidos por sujeitos reais que têm interesses diversificados.

7) Para você, os textos trazidos no livro didático despertam no aluno atenção e interesse pela leitura? Justifique.

O Livro Didático traz uma variedade de tipos de textos de autores famosos e conhecidos, que já é um bom começo, principalmente para aqueles que não têm acesso a outros livros. Por isso, devo dizer que sim.

Diante dessa afirmação, é viável comentar que o valor atribuído à leitura é considerado positivo. Ler traz benefícios ao indivíduo e à sociedade nas mais diversas formas: lazer, prazer, conhecimento, enriquecimento cultural, ampliação das condições de convívio social e interação. No entanto, são comuns as queixas entre professores de que os alunos não gostam e nem sabem ler. É preciso discutir o papel da escola na formação de leitores e refletir sobre o lugar, cada vez menor, que a “leitura formal” tem no cotidiano do brasileiro. Além disso, merece atenção

analisar o material com o qual o aluno entra em contato, tanto dentro como fora da escola, ou ainda, a formação precária de um grande número de profissionais de ensino que não são leitores, mas têm, no entanto a obrigação de formar leitores. Alguns livros didáticos de Português trabalham pouquíssimo o quesito de construção de sentidos pelo aluno em suas propostas textuais, não possibilitam a exploração das significações possíveis para a construção do sentido dos textos, sendo assim, a liberdade interpretativa dos leitores tão necessária no ensino de português fica fragilizada e os alunos cada vez mais se tornarão leitores frustrados que não são capazes de dialogar com os textos lidos e tão pouco produzi-los.

8) Você considera as atividades de leitura imprescindíveis para a produção textual? Por quê?

Sem dúvida, quem lê muito tem mais chances de produzir melhor.

Diante disso, é notório que, a partir da resposta dada pela entrevistada, a leitura funciona também como um pré-requisito para produção textual, dando sentido e significado ao texto produzido.

Goodman e Goodman (1983) observam que as pessoas não apenas aprendem a ler lendo e a escrever escrevendo, mas aprendem também a ler escrevendo e a escrever lendo. A leitura e a escrita têm influência uma sobre a outra, mas as relações não são simples. O efeito sobre o desenvolvimento deve ser visto como envolvendo a função de ler e escrever e o processo específico no qual a leitura e a escrita são usadas para realizar essas funções. Os autores acreditam que o desenvolvimento na leitura e na escrita só pode se dar se as pessoas participam ativamente das experiências de leitura e escrita; além disso, essas atividades devem ser significativas e ter um sentido pessoal para o usuário.

Um fator relevante apresentado por Smith (1999, p. 124-125) é que a leitura e a escrita não podem mais ser abordadas separadamente na aprendizagem, assim como não devem ser consideradas separadamente no ensino.

As crianças aprendem sobre leitura e escrita observando os usos da linguagem escrita. Tudo o que uma criança aprende sobre leitura contribui para tornar-se um futuro escritor. Tudo o que é aprendido sobre escrita contribui para a habilidade de leitura. O autor enfatiza que para manter as duas atividades separadas

não só priva do seu sentido básico, mas também empobrece qualquer aprendizagem que possa vir a acontecer.

Neste trabalho, entende-se, também, que o conhecimento prévio se faz necessário para a construção do sentido do texto. Aprende-se que o ato de escrever é uma consequência do ato de ler. É preciso captar com os olhos as imagens das letras, guardá-las no reservatório que temos em nossa mente e utilizá-las para compor depois as nossas próprias palavras.

Para a professora entrevistada, há hoje uma grande responsabilidade transferida para os professores de Língua Portuguesa, pois apesar do ensino de língua ter sofrido mudanças, ainda falta desenvolver um trabalho mais consistente com relação à leitura e produção textual.

Segundo os PCN's (1997, p.. 111-112), é responsabilidade de todas as disciplinas ensinar ao aluno a utilizar os textos de que fazem uso, embora caiba à língua portuguesa um estudo mais sistemático.

No entanto, ao referir-se ao trabalho com gêneros, inclusive apresentando uma provável distribuição por ciclos, os PCN's não são auto-explicativos:

Um escritor competente é alguém que, ao produzir um discurso, conhecendo possibilidades que estão postas culturalmente, sabe selecionar o gênero no qual seu discurso se realizará escolhendo aquele que for apropriado a seus objetivos e à circunstância enunciativa em questão. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997, p. 65)

Contudo, afirmar que o aluno deve selecionar o gênero mais adequado a seus objetivos, sem nenhuma informação mais precisa do que é gênero, não é suficiente para a orientação do professor, embora possam ser feitas intervenções acerca desse fato.

Segundo a entrevistada em questão, o livro didático serve como um suporte importante para o trabalho docente, mas o professor pode e deve selecionar o que de fato for relevante a ser discutido em tal livro. A utilização dos módulos presentes no livro vai depender dos objetivos que se pretende atingir com a turma ao final do processo de ensino e aprendizagem. Ela considera o uso da diversidade textual importante para desenvolver no aluno habilidades de leitor e escritor. O professor deve utilizar diferentes tipos de textos para que os alunos percebam as diferenças e

semelhanças existentes em cada um e, sobretudo, qual a sua funcionalidade no meio social em que vivem. Qual a relevância do jornal, da piada, da carta, enfim, como o homem através de suas relações cotidianas produz textos diferentes com diferentes propósitos.

Sobre tal assunto, Rangel (2005, p. 19) argumenta que alguns critérios precisam ser pontuados tendo em vista a análise do livro didático de Português. Trata-se, portanto, de saber em que medida tal livro consegue oferecer tanto ao educador quanto ao educando instrumentos didáticos adequados aos desafios da nova proposta do ensino de língua na escola. Entretanto, ao analisar o livro didático de Português, segundo o autor, é necessário saber se o livro “oferece ao aluno textos diversificados e heterogêneos, do ponto de vista do gênero e do tipo de texto, de tal forma que a coletânea seja o mais possível representativa do mundo da escrita”. É importante também observar se o livro “prevê atividades de leitura capazes de desenvolver no aprendiz as competências leitoras, implicadas no grau de proficiência que se pretende levá-lo a atingir”, ressalta Rangel (2005).

Neste sentido, a presente pesquisa tem sua razão de ser: falar de leitura e produção de texto a partir da experiência docente e, sobretudo analisando como o ato de ler e produzir são tratados no livro didático de Português estabelecendo um paralelo com os principais estudiosos desse assunto. Assim, ensinar leitura e produção de texto passa então a envolver, necessariamente, o ensino de estratégias de abordagem, compreensão e construção do texto, essenciais para a eficácia do discurso sobre tal temática no cotidiano da sala de aula.

Ainda reportando sobre a temática do livro didático de Português, Rangel (2005, P. 19) afirma que o livro de Português deve ensinar a produzir textos, por meio de propostas que contemplem tanto os aspectos envolvidos nas condições de produção, quanto os procedimentos e estruturas próprios da textualização. Além disso, é preciso saber também, antes de analisar o livro didático de Português se ele mobiliza corretamente a língua oral, quer para o desenvolvimento da capacidade de falar/ouvir, quer para a exploração das muitas interfaces entre oralidade e escrita. Não se pode também, segundo o autor, deixar de observar se o livro desenvolve os conhecimentos linguísticos de forma articulada com as demais atividades, ou se trabalha com essa questão de forma descontextualizada. Segundo os PCN's

Ensinar a escrever texto torna-se uma tarefa muito difícil fora do convívio com textos verdadeiros, com leitores e escritores verdadeiros e com situações de comunicação que os tornem necessários. Fora da escola escrevem-se textos dirigidos a interlocutores de fato. Todo texto pertence a um determinado gênero, que tem forma própria, que se pode aprender. Quando entram na escola, os textos que circulam socialmente cumprem um papel modelizador, servindo de fonte de referência, repertório textual, suporte da atividade intertextual. A diversidade que existe fora da escola pode e deve estar a serviço da expansão do conhecimento letrado do aluno. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998, p. 17-18)

Observar, portanto, o livro didático de português à luz desse novo paradigma para o ensino da escrita pressupõe entender que o ensino de língua passa por inúmeras transformações no que se refere também ao ensino da leitura, tendo em vista que, para produzir se faz necessário também a leitura de um repertório variado de textos. Assim, para produzir um texto, “o autor precisa coordenar uma série de aspectos: o que dizer, a quem dizer e como dizer”. (PCN’s, 1998, p. 74)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito, que com a realização desta pesquisa podemos evidenciar tamanha importância que a leitura e a produção textual têm no ensino de língua portuguesa, foram longos meses de trabalho e dedicação em busca de uma pesquisa interessante e que em alguma época pudesse servir de complemento para o desenvolvimento de minhas práticas educativas. Este trabalho foi centrado no funcionamento das práticas de leitura e produção textual no ensino fundamental, a partir da verificação dos critérios e princípios de sustentação teórica dos autores estudados. A temática em questão surgiu pela identificação da relevância de se trabalhar a leitura e a produção como pré-requisitos para o ensino de língua Portuguesa. Para isso, recorri a leituras de teóricos da área que propiciaram uma cadeia circular de conceitos de texto e suas estruturas, para melhor entender o tema escolhido.

Considerando ainda que ser usuário competente da língua é uma das condições para a efetiva participação social e que o ensino de língua Portuguesa deve visar, o desenvolvimento da leitura e da capacidade de produzir textos escritos, à medida que estes auxiliem o educando a ler o mundo em que vive, a analisar o que dele se diz e se pensa e a expressar uma visão fundamentada e coerente desta leitura, segundo os PCN's,

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 2000, p. 91).

A pesquisa sempre observou esta finalidade de formação de leitores e escritores competentes, pois acredito que o ensino de Língua Portuguesa deve ser pensado sempre a partir de atividades de leitura e produção que criem no aluno este gosto e prazer em ler e escrever, é preciso que se reconheça que a leitura não consiste somente em dar voz ao autor lido, o leitor tem que ter um papel ativo para poder penetrar em outros possíveis mundos, segundo LERNER: “Ler é questionar a realidade para entendê-la melhor” (1996, p. 02).

Por fim, através de minha pesquisa percebi que leitura e produção textual atuam lado a lado neste mundo estudantil o qual os alunos estão lançados, e que um excelente trabalho voltado para ambos os conceitos colaborará para o surgimento de leitores competentes e escritores eficazes.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irlandé. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

BELTRÃO, Eliana Santos. **Novo Diálogo**. São Paulo: FTD, 2006.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: A Secretaria, 1998.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **“Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental**, 1999.

BRASIL, Educação de Jovens e adultos: **Proposta curricular para o 2º segmento do ensino fundamental: 5ª 8ª série: introdução/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: 2002.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º. E 4º. ciclos – Ensino Fundamental de Língua Portuguesa**. Brasília, 1998.

BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros Textuais: reflexões e ensino**. 2ª ed. Lucerna: Rio de Janeiro, 2006.

CHATIER, Roger. **A Aventura do Livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

CITELLI, Beatriz. **Produção e leitura de textos no ensino fundamental** (Coleção aprender e ensinar com textos, v.7). 3ª. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 6ª. ed. Campinas SP: Autores Associados, 2003.

DIONÍSIO, Ângela Paiva & BEZERRA, Maria Auxiliadora. **O livro didático de Português: múltiplos olhares**. 3ª ed. Rio de Janeiro:Lucerna, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de Ler**. São Paulo, 2003. 45ª Ed. Cortez.

FREITAG, Bárbara. **O Livro Didático em Questão**. 2ª Ed. São Paulo Cortez

GERALDI, João Wanderley (org.). **O Texto na Sala de Aula**. São Paulo: Ática, 2000.

KAUFMAN, Ana Maria & RODRIGUEZ, Maria Helena. **Escola, leitura e produção de textos**. Trad. Inajara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LAJOLO, Marisa. *In* SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura-literatura: mais do que uma rima, menos do que uma solução**. São Paulo: Ática, 2005.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1998.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In. DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel & BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros Textuais e Ensino**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Lacerna, 2002.

NOVA ESCOLA. São Paulo: Abril, n.199. jan/fev. 2007.

PERINI, Mario. **Para uma nova gramática do Português**. São Paulo: Ática, 1985.

PILETTI, Claudino. Entrevista realizada em junho de 2004.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **Leitura e (Re) escrita de textos**: subsídios teóricos e práticos para o seu ensino. São Paulo: Respel, 2001.

RESENDE, Andréa Andrade Siqueira. **O Desafio de Formar Leitores**. Presença Pedagógica. Belo Horizonte. 2000.

SOARES, Magda Becker. As condições sociais da leitura: uma leitura em contraponto. In SILVA, T. da (org.). **Leitura: Perspectivas Interdisciplinares**. 5ª ed. São Paulo: Ática: 1988.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SOUZA, Luiz Marques de; CARVALHO, Sérgio Waldeck de. **Compreensão e produção de textos**. 11ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2006.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola: pesquisas x propostas**. São Paulo: Ática, 2005.

ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel T. da (org.). **Leitura: Perspectivas Interdisciplinares**. 5ª ed. São Paulo: Ática: 2001.